

EXTRA

CLASSE-ORG-BR

ANO 29 | Nº 298 | NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2024

ENTREVISTA

No livro *Caçador de Mentiras*, Gilmar Lopes desmascara certos *coaches* que vendem prosperidade

SAÚDE

Adoecimento mental de crianças e jovens preocupa profissionais



Foto: Freepik

Onde estão as ações para enfrentar o aquecimento global?

A ciência já alertou que, depois das catástrofes climáticas, o país pode mergulhar em uma era de escassez, mas os apelos por políticas de prevenção não se traduzem em atitudes concretas

EDITORIAL

Não olhe para cima

Muito do que estamos vivendo em termos de tragédias climáticas e eleitorais tem a ver com uma lógica que se apoderou do inconsciente coletivo nesta década: a negação da realidade aliada a uma pressão social e econômica para voltar logo ao normal, como observa o jornalista Marco Weissheimer em sua coluna nesta edição.

Como em uma ficção do cinema, nossas tragédias sempre começam com um governante negacionista, que vira as costas para os alertas de um cientista.

Poderíamos ter aprendido com as recentes catástrofes, por exemplo, a entender melhor nosso papel no mundo ou, quem sabe, rever nossos modos de produção e consumo cada vez mais insustentáveis. Mas não foi isso que ocorreu, pois seria mais urgente um retorno a alguma normalidade e não de apontar culpados, como disseram os culpados. "Esse não seria um caminho certo para alimentar novas tragédias em futuro próximo?", indaga Weissheimer.

Na matéria de capa desta edição, o *Extra Classe* investigou o que está sendo feito por gestores públicos e pela sociedade organizada para enfrentar a grande ressaca que virá depois dos eventos climáticos extremos que agora estão batendo à porta dos gaúchos.

Os efeitos do aquecimento global estão aí para quem quiser perceber; há muito tempo, mas com mais intensidade e localmente a partir dos ciclones de 2023 e da enchente de 2024 que devastaram o estado. Afinal, a ciência vem alertando à exaustão que, depois das catástrofes climáticas, o país pode mergulhar em uma era de escassez.

Apesar de tudo, os apelos por medidas de prevenção em relação a essas consequências e que passam por políticas públicas e de regeneração ambiental regionais, entre outras, não estão se traduzindo em ações concretas.

Nesta edição impressa, o *Extra Classe* fecha o ano de 2024 trazendo para o debate outros temas, com reportagens sobre saúde mental, educação financeira, literatura; e um bate-papo com o criador do E-farsas, a primeira agência de checagem de fatos do país. Gilmar Lopes fala nesta entrevista sobre seu novo livro, *Caçador de Mentiras*, no qual desmascara as inverdades contadas por determinados influenciadores digitais para vender cursos e falsas receitas de prosperidade.

Confira também: Arte +, Luis Fernando Verissimo, Marcos Rolim, Marco Weissheimer, Fraga, Edgar Vasques, Rafael Corrêa e Santiago.



04 ENTREVISTA

Criador do *E-Farsas*, Gilmar Lopes desmascara a indústria dos influenciadores digitais em *Caçador de Mentiras*

07 WEISSHEIMER

A tragédia climática não arranhou a eleição em Porto Alegre

08 EDUCAÇÃO

Em um país de superendividados e apostadores, como preparar os jovens para lidar com as finanças de forma responsável e consciente

11 ROLIM

A esquerda brasileira precisa operar uma virada histórica

12 SAÚDE

Cada vez mais expostos às telas e ao mundo virtual, crianças e jovens estão vulneráveis à depressão, à ansiedade e ao estresse

14 AMBIENTE

As ações para enfrentar os impactos do aquecimento global, como seca e escassez de alimentos, água e energia não passam de boas intenções

20 ENSINO PRIVADO

Professores das Comunitárias: o descaso do sindicato patronal e do Comung

22 ARTE +

Sérgio Faraco fala sobre Feira do Livro, literatura e dos tempos de ditadura

24 ARTE +

Para Pepe Mujica, "o milagre é estar vivo"

Boa leitura!

EXTRA
CLASSE-ORG-BR

Redação: extraclasse@sinprors.org.br

Editora-chefe: Valéria Ochôa

Editores Executivos: Gilson Camargo e Valéria Ochôa

Editor de Fotografia: Igor Sperotto

Redação: César Fraga, Edimar Blazina, Gilson Camargo e Valéria Ochôa

Estagiária em Jornalismo: Bárbara de Oliveira Neves

Colaboradores: Caren Souza, Elstor Hanzen, José Weis e Marcelo Menna Barreto

Colunistas: Luis Fernando Verissimo, José Fraga, Marco Aurélio Weissheimer e Marcos Rolim

Diagramação e Arte: Fabio Edy Alves/Bold Comunicação

Projeto Gráfico: Bold Comunicação e D3 Comunicação

Ilustração: Rafael Sica

Charge/Cartum: Edgar Vasques, Rafael Corrêa e Santiago

Revisão: Press Revisão

Impressão: Zero Hora

Tiragem: 23 mil exemplares

Comercialização: 51. 4009.2981 e 51. 99702.7283

extraclasse@sinprors.org.br

Telefones da Redação: 51. 4009.2980/2982/2983/2985

* O conteúdo dos artigos de opinião e das matérias assinadas é de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Publicação mensal do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul – Sinpro/RS, filiado à CUT e Contee

Av. João Pessoa, 919 | CEP 90.040-000 | Porto Alegre | RS | Fone 51. 4009.2900

[extraclasse.org.br](https://www.extraclasse.org.br) fb.com/jornalextraclass instagram.com/jornalextraclass

Em chamadas I

No início de setembro, em 48 horas, todas as unidades da federação registraram focos de queimadas. Mato Grosso e Pará, de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), lideraram os incêndios, com mais de 2,3 mil em cada um. Foram 148 mil queimadas até o dia 5, 100% de aumento em relação à primeira semana de setembro de 2023. As queimadas de toda ordem, inclusive criminosas, vêm crescendo desde 2010 na Amazônia, no Cerrado e no Pantanal – e já chegaram ao Xingu, às áreas metropolitanas e ao interior do Distrito Federal e de São Paulo. A fumaça que começou sufocando moradores de Porto Velho e Manaus se espalhou para o Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Rio Grande do Sul, que viveram dias de uma primavera sem sol e encoberta pela fuligem.



Em chamadas II

O país vive a pior seca desde 1950, porém as causas de tantas queimadas estão longe de ser um fenômeno puramente da natureza. Em menos de 30 dias, a Polícia Federal abriu 101 inquéritos para investigar incêndios criminosos país afora. Um crime praticamente tolerado, já que as punições são risíveis. A Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605/1998) estabelece em quatro anos de reclusão e multa para incendiários, mas só quando comprovado o dolo. Se a queimada for culposa, a pena cai para seis meses a um ano. Propostas de aumento da punição para esse tipo de crime e até a sua classificação como hediondo estão emperradas no Congresso Nacional. A proposição mais severa é o PL 3.304, de 2024, o qual aumenta a punição para seis a dez anos de prisão.

Nove meses de queimadas sem precedentes

Uma área comparável ao estado de Roraima foi queimada no Brasil entre janeiro e setembro. Foram 22,38 milhões de hectares –13,4 milhões a mais que em 2023, de acordo com o levantamento de outubro do Monitor do Fogo do MapBiomas, que apontou um aumento de 150% na comparação com o mesmo período de 2023. Mais da metade, ou 11,3 milhões de hectares, da área queimada fica na Amazônia. Predomina a destruição da vegetação nativa (73%), principalmente formações florestais (21%). O agronegócio queimou 4,6 milhões de hectares para renovar o pasto para o gado.

Mais da metade da área queimada no país (56%) fica em apenas três estados: Mato Grosso, Pará e Tocantins. O Mato Grosso responde por 25% do total, com 5,5 milhões de

hectares de fogo. Pará e Tocantins ficaram em segundo e terceiro lugares, com 4,6 milhões e 2,6 milhões de hectares, respectivamente. As maiores áreas queimadas estão em São Félix do Xingu (PA) e Corumbá (MS), com 1 milhão de hectares e 741 mil hectares.

O Cerrado foi o segundo bioma mais afetado pelo fogo em setembro, com 4,3 milhões de hectares queimados. No Pantanal, a área queimada aumentou 2.306% (1.479.475 hectares a mais), em comparação à média dos cinco anos anteriores. Na Mata Atlântica, o fogo consumiu 896 mil hectares de janeiro a setembro, sendo que 71% da área afetada estava em áreas agropecuárias. Houve redução de queimadas no Pampa, para 3,1 mil hectares, devido às chuvas acima da média, e na Caatinga, a qual

teve 151 mil hectares atingidos pelas queimadas, queda de 18% em relação ao mesmo período de 2023.



Em setembro, as queimadas proliferaram na Amazônia, no Cerrado, Xingu, Parque Nacional de Brasília (foto) e até pelo interior de São Paulo



Notícia e informação têm bastante, mas pensadas para você, só têm aqui.

Educação | Economia | Política | Saúde | Justiça | Opinião...
Acesse e saiba sempre muito mais!



O caçador de mentiras



Fotos: Marcelo Menna Barreto

por Marcelo Menna Barreto

Gilmar Lopes é o criador do *E-farsas*, o mais antigo site de checagem de fatos do Brasil, lançado há 22 anos em pleno Dia da Mentira – 1º de abril. Em 2002, 13 anos antes da criação da Agência Lupa, que se define como a primeira agência *fact-checking* do país, o que surgiu como um passatempo para o jovem formado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, rapidamente se tornou referência no combate à desinformação. O impacto foi tanto que, antes de surgir a Lupa, a Aos Fatos (2015) e a Fato ou Fake (2018), agências mantidas por conglomerados de comunicação, em 2013 o *E-farsas* foi considerado o quarto melhor blog pela premiação *Best Of The Blogs* (BOBs) da Deutsche Welle, empresa pública de radiodifusão da Alemanha. Mesmo ano, aliás, em que surge a *Boatos.org*, outra iniciativa nacional relevante no combate as já tão populares fake news. É do alto dessa experiência que o apaixonado em pesquisas on-line, cujo trabalho é citado em diversos trabalhos acadêmicos, e que, desde 2020, integra uma coalizão formada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para ajudar a checar informações nas eleições brasileiras, lançou neste ano o livro *Caçador de Mentiras* (Matrix, 2024, 184 p.). Na obra, em especial, Lopes dedica-se a revelar como histórias muitas vezes usadas por líderes de autoajuda influenciam e podem até destruir a vida de seguidores. É uma espiral de frustração e perda de dinheiro para quem acredita em promessas de sucesso rápido, explica ele nesta entrevista.

Extra Classe – Você acertou em cheio em fazer um trabalho que reflete sobre a cultura coach que tem tomado conta das redes e que, agora, meio que se materializou no campo da política. Pablo Marçal, com todo o domínio de comunicação nas redes, conseguiu pautar o debate político nacional. Como surgiu a ideia de abordar essa temática?

Gilmar Lopes – Eu sempre quis transformar as histórias que pesquisei no *E-farsas* em um livro, deixar um legado, mas as histórias na internet mudam o tempo todo. Se eu fosse colocar isso num livro, teria que ficar reeditando. Aí pensei: por que não selecionar algumas histórias que sempre circulam, tanto na internet quanto fora, né? Uma dessas linguagens que se repetem muito é a dos coaches de autoajuda. Eles sobem no palco, contam histórias motivacionais pra vender cursos de sucesso, mas muitas dessas histórias não são verdadeiras. Foi aí que surgiu o *Caçador de Mentiras*. No começo, ia chamar *Mentirada de Palco*, mas depois decidimos ampliar pra pegar também políticos e líderes religiosos que contam histórias falsas. O que percebi é que essas histórias seguem um padrão: elas prendem a atenção emocional do público até o final e, quando não dão certo, a culpa recai sobre quem acreditou, não sobre o coach ou líder (risos). Isso acontece muito com as histórias que eu investigo no site.

EC – No final de setembro, o STF suspendeu decisão da Justiça de São Paulo que retirou do ar um vídeo da bióloga Ana Bonassa e da farmacêutica Laura Marise de Freitas contra o Dr. Lanza. O nutricionista e influenciador andara atribuindo a causa do diabetes à ação de vermes e processou as duas cientistas que o desmentiram. Como você vê casos como esse?

Lopes – Inclusive, as meninas do canal *Nunca Vi 1 Cientista*, a Ana Bonassa e a Laura Marise, são minhas amigas. O caso foi até o STF e o Dias Toffoli anulou a liminar, então, o assunto foi encerrado. Mas já pensou ser condenado por desmentir uma coisa dessas? Dá até medo de falar a verdade e acabar sofrendo consequências pesadas. Tem muita gente ganhando dinheiro com

isso, vendendo cursos e livros sobre como se curar com chá de graviola, por exemplo. Eu sempre falo que o problema não é você tomar um chazinho quando está doente. É abandonar o tratamento convencional pra ficar só nas simpatias. Isso é perigoso. A não ser que tenha algum efeito placebo, essas coisas não resolvem nada. Teve um tempo em que circulou a história de que leite de alpiste cura diabetes.

EC – Como é esta história?

Lopes – Eu até brinco nas minhas palestras, dizendo que nem sabia que alpiste dava leite, né? Vai ter que ir numa fazenda de alpiste e ordenhar? Diziam que foi um estudo da Universidade Autônoma do México. A primeira coisa que fiz foi procurar no site da universidade, e, claro, não tinha nada. Esse é um truque de quem espalha essas histórias, usar o nome de entidades importantes pra dar mais credibilidade.

EC – Nesse caso das pesquisadoras, o influenciador se apresenta como nutricionista.

Lopes – Então, ainda tem essa questão da autoridade, né? A pessoa usa o crachá para falar. A gente vê muito isso no WhatsApp. A pessoa manda um áudio dizendo: “Ah, eu sou médica e queria falar que tal coisa”. Você nem sabe quem é, só ouve o áudio. Mas aí, por ela dizer que é médica, as pessoas acreditam e repassam. O Conselho Federal de Medicina nem se mexe com isso, e parece que quem se forma vai na internet falar qualquer coisa para ver se ganha dinheiro. Hoje, o profissional não é só aquilo que ele foi formado para ser. Um corredor de Fórmula 1, por exemplo, o que ele menos faz é correr. Passa a semana fazendo propaganda, vídeos para o Instagram, atendendo à imprensa. Só corre uma hora por semana. A mesma coisa vale para um dentista. Hoje, ele não pode postar no YouTube, no Instagram; mostrar o antes e depois dos clientes. E no meio dessa necessidade de produzir conteúdo, se falam coisas que nem sempre são verdade.

EC – Quais são os principais padrões que você identifica nas

fake news relacionadas à autoajuda e ao coaching motivacional?

Lopes – O coach motivacional sempre apela para o lado emocional, né? E ele usa coisas que nem sempre são reais. Um bom exemplo é o Napoleon Hill, o pai da autoajuda. Ele criou esse estilo, a ponto de quando você vai na livraria, tem lá ficção, não ficção e autoajuda. O Napoleon Hill dizia que um milionário, o Carnegie (*Andrew*), encomendou a ele um estudo sobre o que as pessoas bem-sucedidas tinham em comum. E aí, ele passou 20 anos estudando e lançou o primeiro livro de autoajuda. Só que, depois, o biógrafo do Carnegie disse que eles nunca se encontraram. Mas, com o Carnegie morto, não dava pra desmentir. O Napoleon Hill fez fortuna com uma história que nunca foi comprovada. Inclusive, faliu várias empresas que tentou abrir; mas, na literatura, ele foi um gênio e ganhou milhões. É essa a pegada do coach motivacional. Ele vende uma ideia que ele mesmo nem sempre alcançou. Tipo, o coach que vai te ensinar a ser milionário. Mas ele é milionário? Não, ele não é.

EC – Vende a ideia?

Lopes – Vende a ideia de que é milionário, mas, na real, tudo que ele mostra é alugado: o carro, a casa. Ele não tem empresa nem sucesso de verdade. O que ele faz bem é vender curso e o curso é sobre como vender curso. Aí, ele se apresenta como um cara ou uma mulher bem-sucedida e promete que, se você seguir tudo o que eles sugerem, você também vai ser.

EC – Só que não, né?

Lopes – No meu livro, eu falo sobre isso. Tem até um dado de um estudo nos Estados Unidos que mostra que mais de 90% das pessoas que investiram na Bolsa de Valores não ficaram ricas. Só que o que se divulga são histórias de sucesso. E isso é parecido com o que acontece na área de saúde também. Quem toma um “chazinho milagroso” e não sobrevive não está aí para contar, mas os poucos que, por coincidência, melhoram são os que aparecem dando depoimento. Para cada empresário que deu certo, tem milhares que faliram. E aí, quando a coisa não funciona, a culpa é sempre

de quem comprou o curso, não de quem vendeu. A pessoa pensa: “Ah, eu não mudei meu *mindset* o suficiente, a culpa foi minha”.

EC – É mais ou menos como o Marçal faz. A diferença é que, em tese, me parece que ele é muito rico, não?

Lopes – É uma situação meio complicada, né? Durante a campanha eleitoral, ele deu uma entrevista e o repórter perguntou sobre o fato de ele ter aumentado o patrimônio em R\$ 190 milhões em um ano. Isso daria, mais ou menos, R\$ 120 mil por dia. Aí o jornalista questionou: “Por que você quer ser prefeito de São Paulo, ganhando R\$ 30 mil por mês, se você faz esse valor em um dia?”. Aí ele enrolou, dizendo que nem tudo o que ele ganha foi declarado no TSE. Acabou soando como se ele estivesse escondendo alguma coisa. A impressão que ele tenta passar é sempre de ser super bem-sucedido, mas conheço gente que foi no escritório dele e me disse que tudo lá parecia meio ensaiado. Para reforçar essa imagem de sucesso. Estavam lá conversando com ele e a secretária entrava de tempos em tempos, dizendo coisas como: “Senhor Marçal, o jato que o senhor comprou chegou”. Dá pra ver que ele sempre quer mostrar que está melhor do que realmente está.

EC – Uma jogada ensaiada...

Lopes – Mas ele é só um exemplo. Tem vários outros que fazem a mesma coisa. Parece que a vida dele é ensaiada, tudo seguindo um *script*. E é assim que esses coaches motivacionais vendem a ideia de que a vida deles é ótima e que a sua também pode ser, se você seguir os passos que eles indicam.

EC – De que forma essas desinformações podem prejudicar emocional e financeiramente os seguidores dessa gente?

Lopes – Pois é, é uma série de decepções. Você tem ali, por exemplo, R\$ 2 mil guardados pra uma emergência e aí aparece um curso prometendo que, se você seguir os 12 passos da prosperidade, vai ficar rico. Aí você investe não só o dinheiro, mas também o seu tempo, a sua dedicação. No fim, você descobre que não é bem assim, que não fun-

cionar, e acaba frustrado. Isso pega muito, especialmente com os coaches que prometem curar a depressão. A pessoa, ao invés de procurar um médico, vai atrás de um coach que promete resolver tudo. Quando não dá certo, a frustração é maior ainda e piora o problema. No livro, eu até falo que, se você quebra uma perna, vai no médico colocar o gesso. Se a sua mente está mal, você tem que ir a um psicólogo, a um médico. O coach não tem esse poder de te curar, ainda mais em uma única reunião ou palestra. É algo perigoso e muito frustrante.

EC – Como as pessoas podem identificar que estão sendo enganadas por histórias inspiradoras fabricadas?

Lopes – Antes de qualquer coisa, as pessoas têm que checar o currículo do profissional que está tentando vender aquele curso, aquela filosofia de vida. Nem todo mundo é picareta, né? Tem gente que é bem-intencionada, mas só testou suas ideias em laboratório. Na vida real, é bem mais complicado. Mas, claro, tem profissionais honestos que fazem um trabalho ótimo, principalmente em empresas, ajudando de verdade. Agora, o ideal é verificar o histórico da pessoa, ver se tem reclamações no *Reclame Aqui* ou em outros lugares, porque você precisa se informar antes de investir seu tempo

e dinheiro. Assim como você checa uma escola de inglês ou um curso de canto, tem que ver se aquela empresa ou profissional é confiável. E o mais importante: usar bom senso. Não dá pra acreditar em tudo que dizem, né? Tem que sempre manter o pé atrás e usar bom senso, como em tudo na vida, pra não cair na mão de um picareta por aí.

EC – Sem a regulação das redes sociais – que o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP/AL), não quer ver em votação –, como a sociedade pode se proteger das fake news disseminadas por essa gente que você classifica como “picaretas”?

Lopes – Eu sempre digo que a melhor arma contra a desinformação é a própria informação. Eu tenho até feito trabalhos em faculdades e escolas, mostrando como identificar notícias falsas. As pessoas precisam se informar, isso é essencial. Tem muita gente que entra nas redes sociais e no WhatsApp e acha que tudo que recebe ali é verdade. Não custa nada abrir uma janelinha de navegação e fazer uma busca rápida sobre o assunto, sabe? Dá um pouquinho de trabalho, mas é importante. Eu mesmo já tive discussões sobre as umas eletrônicas, mandando link com informações oficiais, mas a pessoa preferiu acreditar num áudio anôni-

mo. Então, o que eu sempre falo é: tenha consciência, desconfie de tudo, e, na dúvida, não compartilhe. Sempre abra uma janelinha, veja se algum jornal confiável está falando sobre este ou aquele assunto. E, no caso de autoajuda, dá uma olhada no currículo do autor, do palestrante, porque é fácil cair em golpes.

EC – Quem é mais vulnerável à desinformação no campo da autoajuda?

Lopes – São as que mais sofrem com isso, sabe? Aquela pessoa que está em busca de uma recolocação no mercado, que muitas vezes acaba se apoiando em promessas de picaretas e entregando tudo, na esperança de uma vida melhor. Geralmente, são pessoas com renda mais baixa e escolaridade também menor. Tem também aqueles do famoso conto do vigário de antigamente, que pegava quem tinha ganância. Sempre tem aquele que sonha em ganhar muito rápido e acabava caindo na conversa, tipo a história do cara que vendeu a Torre Eiffel para alguém que acreditava que conseguiria revendê-la por um preço maior. No fundo, são essas pessoas mais simples e desesperadas que buscam se dar bem na vida, mas acabam sendo enganadas.

EC – Qual foi o caso mais curioso ou surpreendente de fake

O coach não tem empresa nem sucesso de verdade. O que ele faz bem é vender curso e o curso é sobre como vender curso

news de autoajuda que você checou no E-Farsas?

Lopes – Olha, uma história muito conhecida é aquela sobre a águia, após os 40 anos, se retirar para o cume de uma montanha. Lá, arranca todas as penas, retira o próprio bico e, depois de umas duas semanas, sai voando com penas e bico novos. Aí vem a história de que é assim que a gente tem que ser na empresa, que a gente tem que ser na nossa vida. Só que, na natureza, nenhum animal se automutila. Na verdade, a águia não retira seu bico, que faz parte do seu crânio. Além disso, ela precisa se alimentar constantemente, pois seu metabolismo é rápido e não conseguiria sobreviver mais de uma semana sem bico, portanto, sem comida. No meu livro, eu uso dados de especialistas em biologia para mostrar que essa história não faz sentido. Também dedico um capítulo para desmentir várias frases atribuídas a Einstein que ele, na verdade, nunca disse. É importante ter discernimento e buscar informações verdadeiras, ao invés de acreditar em mitos.

Escritório credenciado:
SINPRO/RS
Sindicato Cidadão

A EDUCAÇÃO SE CONSTRÓI NA LIBERDADE DE ENSINAR.

Art. 206 da Constituição Federal. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
...
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

Para saber mais sobre seus direitos previdenciários, trabalhistas e cíveis, conte com nossa experiência de 27 anos na defesa dos professores do Ensino Privado. **Entre em contato através do WhatsApp:**

 **51 3237.2791***

 **CAINELLI**
ADVOGADOS

* WhatsApp exclusivo para mensagens de texto.



MARCO AURÉLIO WEISSHEIMER

A tragédia climática não arranhou a eleição em Porto Alegre

Uma parcela da população acreditava que os eventos trágicos que atingiram a cidade estavam expondo os problemas do modelo de gestão baseado em privatizações e sucateamento de espaços e serviços públicos



Foto: Igor Sperotto

“Voltar logo à normalidade não seria um caminho para alimentar novas tragédias em futuro próximo?”

Quando estávamos, literalmente, mergulhados nas águas do Guaíba e de outros rios que invadiram as ruas de Porto Alegre e de outras cidades do Rio Grande do Sul, muito se falou que aquele evento catastrófico tinha o potencial de provocar uma profunda mudança na percepção da população acerca do modo de governar as nossas cidades em tempos de emergência climática.

À medida que as águas foram baixando e a vida foi “voltando ao normal”, essa suposta mudança de percepção foi se materializando em um “mais do mesmo” em relação à questão ambiental. Esse “mais do mesmo” se expressou no resultado do primeiro turno das eleições e acabou se confirmando no segundo turno com a reeleição por larga margem do atual prefeito Sebastião Melo (MDB). Assim como ocorreu no primeiro turno, Melo venceu em todas as 10 zonas eleitorais da cidade, incluindo as mais atingidas pela enchente.

No auge da enchente, acreditava-se – ao menos, uma parcela importante da população de Porto Alegre – que os eventos trágicos que atingiram a cidade estavam expondo os problemas do modelo de gestão que

vem governando a capital há vários anos, baseado, entre outras coisas, em privatizações e sucateamento de espaços e serviços públicos.

Tanto que a primeira pesquisa eleitoral divulgada após a enchente mostrou uma queda significativa do prefeito Sebastião Melo. Nas pesquisas seguintes, porém, ele foi recuperando o espaço até alcançar uma vitória tranquila no segundo turno. É difícil medir as mudanças de percepção social acerca de eventos como este. Vivemos um fenômeno similar no período da pandemia.

Se alguém dissesse, em 2019, que nos cinco anos seguintes viveríamos uma pandemia que nos deixaria isolados socialmente e, alguns anos depois, uma catástrofe climática com uma destruição sem precedentes no Rio Grande do Sul, pouca gente levaria a sério a previsão.

No entanto, cá estamos, cinco anos depois, acumulando em nossa bagagem de vida dois eventos disruptivos, que nos arrancaram de modo abrupto de nosso cotidiano e, mais grave, custaram a vida de milhares de pessoas. No caso da enchente de maio de 2024, a destruição de vidas, casas, patrimônios, memórias e afetos.

No auge da enchente, as comparações com o que vivemos durante a pandemia vieram quase que automaticamente à nossa mente. Foram dois eventos com suas diferenças e particularidades, com certeza, mas ambos, ao nos arrancarem de nosso cotidiano, abriram espaços comuns para refletirmos sobre o modo de vida que estamos levando, seus limites e contradições.

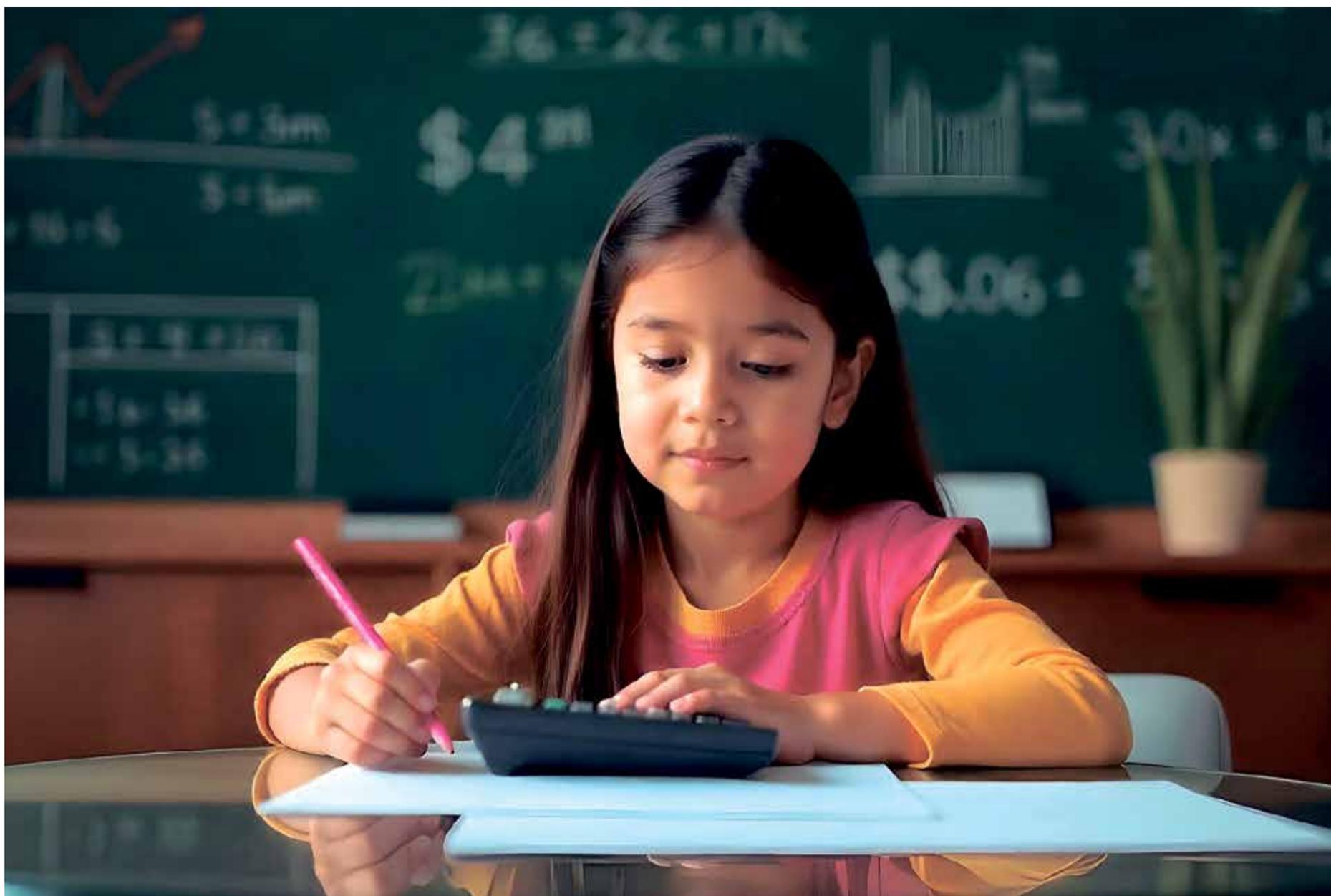
No período da pandemia, por exemplo, no seu início especialmente, muita gente acreditava e dizia que sairíamos melhor dessa experiência, pois ela estava afetando toda a humanidade, praticamente todo o planeta, o que nos levaria a nos enxergarmos como integrantes de uma comunidade global interdependente.

Essa perspectiva otimista acabou sendo minada progressivamente pela realidade. Após dois anos de pandemia, foi aumentando a pressão social e econômica de que precisávamos “voltar logo à normalidade”, sem dar o devido peso e importância ao que havia acontecido conosco e com o mundo. Esse não seria um caminho certo para alimentar novas tragédias em futuro próximo?

Não, a catástrofe climática que vivemos no RS não foi causada, no sentido mais estrito do termo, por esse nosso comportamento pós-pandemia. Mas talvez seja importante pensar em que medida essa pressão de “voltar logo à normalidade”, que volta a aparecer agora, não varre para debaixo do tapete debates sobre as dimensões mais profundas que vivenciamos nesses dois eventos.

Na campanha eleitoral, esse sentido de urgência e gravidade em relação ao que aconteceu apareceu timidamente nas estratégias eleitorais tanto do prefeito Melo (o que é compreensível, pois não lhe interessava expor seus próprios erros), quanto das candidaturas de oposição, que não fizeram desse debate um eixo central de campanha.

A própria sociedade pareceu não estar muito interessada neste debate, mas sim na “volta à normalidade”. Chamou a atenção também o alto índice de abstenção, com 381.965 eleitores, o que representa 34,83% do universo eleitoral da cidade. Pois “voltamos à normalidade”, ao mais do mesmo. Venceu, mais uma vez, a lógica do “não olhe para cima”.



Educação Financeira: muito além da matemática

por Marcelo Mena Barreto

A Educação Financeira nas escolas está preconizada na BNCC. Em um país de superendividados, onde jogos em BETs chegam a ser considerados um “investimento”, ela é fundamental para preparar os jovens para lidar com dinheiro de forma responsável e consciente. Trabalhando com conceitos básicos de orçamento, poupança, investimentos e planejamento financeiro, o propósito é evitar endividamentos desnecessários e desenvolver hábitos saudáveis desde cedo. No final das contas, além de contribuir para a segurança financeira e o bem-estar futuro dos indivíduos, há impactos positivos na economia da sociedade

Situada em área de vulnerabilidade social, a Escola Estadual de Ensino Fundamental 1 Matias de Albuquerque recebe doações de material escolar. Tudo é usado coletivamente para garantir igualdade de oportunidades. O que isso tem a ver com Educação Financeira? Tudo e muito mais, diz a professora Cláudia Campos, diretora que acumula a supervisão na instituição da rede estadual de ensino situada na Zona Sul de Porto Alegre.

“Super-referência em educação financeira nas escolas”, completa Wendy Haddad Carraro, doutora em Economia do Desenvolvimento e professora da Universidade Fede-

ral do Rio Grande do Sul (Ufrgs) ao mencionar a escola. Wendy chegou a liderar no estado a etapa regional da Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (Obef), criada de forma abnegada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

“Trabalho exemplar”, resume o professor Diego Henrique Guedes dos Ângelos, administrador de formação, com duas pós-graduações em Finanças e um mestrado em Educação. Ele, após projeto-piloto em 2020 no Colégio João Paulo I, hoje é titular da disciplina Educação Financeira na unidade Higienópolis e, mais recentemente, no colégio privado Leonardo da Vinci, também na capital gaúcha.

Foto: Igor Sperotto



Aprendizado sobre finanças muda hábitos e influencia as famílias, diz a diretora Cláudia Campos

Educação financeira, ambiental e de cidadania

Mais do que o previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual prevê uma Educação Financeira transversal em matérias como História, Geografia, Português, Matemática, a Matias de Albuquerque implementou um projeto de educação financeira e socioambiental.

Com cerca de 70% de seus 198 alunos morando dentro de uma área de preservação, a escola promove seus ideais na prática. O plantio de hortas, a confecção

de brinquedos e materiais pedagógicos com recicláveis visam ensinar sustentabilidade, empreendedorismo e economia. O projeto de bonecas *Abayomi*, que aborda racismo, por exemplo, resulta em recursos revertidos em sacolas de leitura após a venda. Além da conscientização sobre o uso racional de recursos que vai desde como se apontar um lápis, o consumo saudável e a economia fazem parte do dia a dia da escola.

“Gastar com alimentos processados, que não são saudáveis e ainda custam caro, só às sextas-feiras”, relata a diretora. Ela explica que as crianças são estimuladas a pedir aos pais, no lugar de salgadinhos, outro exemplo, os “trocados” que seriam gastos para pôr em cofrinhos feitos na própria escola.

“Uma vez, um aluno abriu e tinha R\$ 200 lá”, lembra Cláudia. Além de evitar um supérfluo que faria mal à saúde, ele teve uma bela

lição, ressalta. “Lição que acaba sendo replicada no núcleo familiar ainda”, acrescenta Cláudia.

Mestre em Geografia pela Ufrgs, com pós-graduações em educação ambiental, direitos humanos, mídias e gestão escolar, Cláudia se orgulha de trabalhos de seus alunos publicados em um e-book da Procuradoria-Geral do Estado (PGE) sobre direitos humanos, da participação deles em eventos de educação financeira e de algumas medalhas na Obef.

Um pouco de história

Em sintonia com movimentos internacionais, em 2010 o segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lançou a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef).

À época, sob coordenação do

Comitê Nacional de Educação Financeira (Conef) do Ministério da Fazenda, a Enef realizou, entre os anos de 2010 e 2014, um projeto-piloto para testar a inclusão da temática em escolas públicas.

Foram beneficiados cerca de 26

mil alunos em aproximadamente 900 escolas de quatro estados – Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Tocantins – e o Distrito Federal. O resultado lançou as bases do que está preconizado desde 2017 na BNCC sobre ensino financeiro nas escolas do país.

A ideia da BNCC é integrar conceitos básicos de economia e finanças no currículo escolar e, nele, abordar tópicos como taxas de juros, inflação e aplicações financeiras.

Para a professora da Ufrgs Wendy Carraro, o papel do educador financeiro é provocar reflexões e “dar estalos” nos alunos. “Não se trata de uma disciplina isolada; a educação financeira deve estar presente em diferentes matérias, como História e Biologia, ajudando os alunos a entender como questões econômicas afetam suas

vidas e a sociedade. Por exemplo, a relação entre guerras, recursos naturais e o impacto no custo de vida são uma conexão importante a ser explorada”, ilustra.

Wendy fala que um dos pontos centrais é que a educação financeira vai além do dinheiro: trata-se do uso consciente de recursos. Diego dos Ângelos segue na mesma linha. “A Educação Financeira vai além dos números. Trata de escolhas diárias, como o que vestir ou o que comer e, também, de comportamentos, gestão de recursos e preparação para o mercado de trabalho”, descreve Ângelos.

Se a transversalidade é muito importante, o sonho do professor é que a disciplina de Educação Financeira seja incorporada às grades curriculares, a exemplo dos estabelecimentos de ensino privado que leciona em Porto Alegre.

Foto: Acervo Pessoal



Wendy, doutora em desenvolvimento econômico pela Ufrgs: educação financeira não é disciplina isolada

Avanços dentro da realidade

Wenner Lucena, idealizador da Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (Obef), comemora a evolução do ensino da temática, que é considerada árida para alguns, "mesmo que a passos lentos".

Doutor em Ciências Contábeis, coordenador da pós-graduação na área e professor de finanças pessoais e comportamentais na UFPB, Lucena diz que o importante para ele é que as pessoas comecem a falar sobre o assunto.

"Claro que, para um educador, eu queria que fosse mais rápido, mas o que eu consigo perceber claramente é que a gente vai colher frutos nas novas gerações", prevê.

Quatro anos após o projeto-piloto no João Paulo I, o profes-

sor Angelos relata um programa consolidado e de sucesso. Para engajar os alunos, diz que tenta aproximar ao máximo o conteúdo da realidade deles.

"Seja com gamificação ou projetos de empreendedorismo. O maior desafio hoje é manter a atenção dos jovens, especialmente com o uso de celulares, mas acredito que, com uma boa orientação, podemos utilizar essas ferramentas a nosso favor", explana Angelos.

No João Paulo I, a disciplina de Educação Financeira integra o currículo no 8º e 9º ano do ensino fundamental II. Já no Leonardo Da Vinci, entra como itinerário formativo no ensino médio.

Angelos aborda tópicos como

Foto: Igor Sperotto



É sobre escolhas diárias, o que vestir ou comer, comportamentos, gestão de recursos e preparação para o mercado de trabalho, explica o professor Angelos

inflação, juros, crédito, PIX e, no ensino médio, até mesmo questões como CLT e precificação de serviços. "De maneira geral, estamos avançando bem, mas sempre

com olhar atento para os próximos passos e o aprimoramento da disciplina", conclui o professor, orgulhoso também de algumas medalhas conquistadas na Obef.

Olimpíada de Educação Financeira

A Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (Obef) nasceu de uma percepção do professor Wenner Lucena. Ao acompanhar a formação de seus filhos, ele chegou à conclusão de que "havia Olimpíada educacional para tudo, mas nada sobre educação financeira", recorda.

Pesquisando, Lucena lembra que a única referência que encontrou foi a Enef. Daí, com muita boa vontade, boca a boca e mão na massa, ele conseguiu realizar um evento com escolas públicas da Paraíba na UFPB.

Na ocasião, os participantes não chegaram a 2 mil estudantes,

mas quem viu potencial na iniciativa instigou o professor a se articular com colegas das mais variadas regiões do Brasil para nacionalizar a ação.

Deu mais do que certo. O crescimento tem se mostrado exponencial. Em 2019, já aberto também para escolas privadas, houve a participação de 38 mil estudantes. Neste ano de 2024, a sexta edição da Obef acabou envolvendo 74 mil crianças e adolescentes de todo o Brasil.

A Obef é organizada em cinco níveis, que vão desde o ensino fundamental até o médio, com uma fase on-line e outra regional. Tudo de for-

ma gratuita para os concorrentes.

A UFPB coordena todo o processo e, em cada estado, organizações se encarregam das etapas regionais, como a Ufrgs no Rio Grande do Sul.

"As provas são elaboradas aqui na Paraíba", explica Lucena. O interessante, registra, é como se percebem os pontos fracos e fortes de cada região durante o processo. Tudo isso, no final, é consolidado na forma de relatórios pela UFPB e remetido para todo o país.

"A Região Sul, por exemplo, vai bem em cooperativismo; já a Nordeste, em moedas", exemplifica o professor.

O sucesso está sendo tão grande que já houve até proposta de uma instituição financeira para comprar a Olimpíada, diverte-se Lucena. Algo que nunca esteve e não estará nas cogitações da universidade que registrou a marca e preza pela independência da iniciativa.

"Existe um edital específico para Olimpíadas do governo. A gente tenta pegar alguma coisa, R\$ 200 mil, 300 mil, mas nunca consegue. São R\$ 10 milhões. Para a Olimpíada de Matemática, vão R\$ 6 milhões, para a de Ciências, R\$ 3 milhões e para a de Português, R\$ 1 milhão", lamenta Lucena.

Ameaça, intimidação, censura, interferência externa na sala de aula?

Acesse o **Canal Liberdade de Ensinar**, um espaço exclusivo no site www.sinpro.rs.org.br para que você relate ao Sindicato qualquer situação que comprometa a sua liberdade e autonomia no trabalho docente.

Fique tranquilo(a), sua identidade será preservada e todas as ações do Sindicato serão antes compartilhadas com você.

| Não enfrente sozinho(a), abra o jogo com o Sinpro/RS |

CANAL
LIBERDADE DE ENSINAR



SINPRO/RS
Sindicato Cidadão



O que fazer?

A esquerda brasileira precisa operar uma virada histórica de conteúdo, de prática política e de identidade simbólica, sob pena de ser conduzida à margem



Foto: Cabva IA

Ricardo Piglia, extraordinário escritor argentino, nos legou uma obra densa e surpreendente. Em *Respiração Artificial*, romance escrito em plena ditadura e, por isso, com forma labiríntica, um dos personagens, o professor Marcelo Maggi, tinha um método especial de pensamento, um caminho de notável efeito para reduzir as chances de erro: pensava sempre contra si próprio, porque desconfiava de si mesmo. “Somos adestrados durante um tempo excessivamente longo na estupidez e, no fim, ela se transforma em uma segunda natureza. A primeira coisa que pensamos está sempre errada, é um reflexo condicionado”, dizia. Lembrei dessa passagem ao ler algumas opiniões a respeito do que ocorreu nas eleições municipais, porque tive a sensação de que seria importante se mais analistas no Brasil tentassem o método do personagem de Piglia.

Primeiro, para que possamos nos afastar de nossos reflexos condicionados, é preciso lidar com fatos. Eles não estão dados e não falam por si, mas é preciso a disposição de identificá-los desapassionadamente. Em um processo eleitoral, o fato mais relevante é traduzido em números.

Apenas para ter presente a dimensão da encrenca, bastaria lembrar que o PL, partido que encarna mais amplamente o ideário da extrema direita, fez 15,7 milhões de votos nas disputas majoritárias no primeiro turno (crescimento de 236% desde 2020), enquanto o PT fez 8,9 milhões. Entre os partidos que compõem a vertente mais tradicional da direita, o PSD de Kassab fez 14,5 milhões de votos. Em número de votos, o PT é hoje o sexto partido mais votado do Brasil; os cinco primeiros são de direita.

Os números atestam uma ampla vitória da direita e da extrema direita e permitem identificar que: 1) a disputa mais ampla, em escala nacional, não se deu entre direita e esquerda, mas entre direita e extrema direita; 2) o campo político-ideológico vitorioso nessa disputa foi o da direita tradicional, abrigada no “Centrão”, mais precisamente a “direita PIX” articulada historicamente pelo clientelismo e pela compra de votos.

Não há receita para se retirar a política brasileira do buraco onde se encontra, mas, talvez, ajude lembrar que as disputas políticas ocorrem em uma espécie de tabuleiro aberto de xadrez, onde, ao invés de um jogo com dois adversários, temos muitos jogos simultâneos, com milhares de peças e jogadores, todos atentos aos movimentos dos demais e procurando se antecipar às estratégias em curso. Um movimento em falso com uma de nossas peças aumenta as chances dos demais jogadores.

A paralisia também cria cenários de fragilidade, de modo que não jogar é má opção e assim sucessivamente.

Por isso, toda avaliação política que começa com o rol das manobras dos adversários e com a descrição das condições que os favorecem no jogo já começa torta, porque perde o mais importante: a dinâmica que foi tornando possível o avanço dos adversários e estreitando nosso campo de ação. O que ocorre agora é sempre um resultado cuja possibilidade começou a se delinear pelas peças movidas muito antes, não raro muitos anos antes.

Em setembro, no artigo *O poço não tem fundo*, publicado neste espaço, chamei a atenção para alguns obstáculos teóricos que a esquerda brasileira se recusa a enfrentar e que têm cobrado um preço político cada vez maior, como o seu alinhamento com regimes autocráticos, e apontei um tema que me parece central e que diz respeito ao posicionamento dos partidos progressistas que abdicaram, há muitos anos, de lutar por reformas e se transformaram em “defensores das instituições”, entregando para a extrema direita o discurso contra a corrupção, contra os privilégios e contra a ineficiência do Estado.

A esquerda brasileira precisa operar uma virada histórica de conteúdo, de prática política e de identidade simbólica, sob pena de ser conduzida à margem. O sentido dessa virada demanda a estruturação orgânica de uma Frente Ampla. Nesse movimento, partidos como PSOL, PT, PCdoB, PV, PSB, REDE e PDT, que atuam sem plataforma comum e sem discurso capaz de mobilizar a população na luta por reformas, seriam alas de um movimento de resistência democrática. Neste cenário histórico, a meta deve ser a de isolar os extremistas, o que demanda posição clara em torno de políticas públicas eficientes em áreas centrais, como segurança pública, por exemplo, outro tema entregue em uma bandeja aos neofascistas. Por óbvio, se a meta for derrotar a extrema direita, isso exigirá alianças com a direita tradicional. Sem essa disposição, o “Centrão” seguirá sendo imantado pelos extremistas, o que, além de amassar a esquerda, poderá conduzir o Brasil a uma teocracia miliciana.

PS – O título desta crônica é uma referência, um pouco irônica, ao *Que Fazer?* (1902), de Lênin, que li em minha adolescência e que tem apenas importância histórica. Lembrando do livro, entretanto, me dei conta de que aquele Vladimir Ilyich Ulianov, independentemente de qualquer avaliação sobre sua obra, pensava contra si mesmo e contra grande parte da tradição marxista de seu tempo. Pensar talvez não doesse tanto naquela época.



Projeto *Virando a Página*, instituído pela Defensoria Pública e a Fase/RS, voltado para adolescentes submetidos a medidas socioeducativas em Porto Alegre

Hiperconectados e mais vulneráveis a transtornos mentais

por Caren Souza

A dificuldade em manter a saúde mental deixou de ser exclusividade de pessoas estressadas, que acumulam trabalho e contas a pagar. Os jovens estão cada dia mais vulneráveis e os problemas aparecem cada vez mais cedo. Divulgado em agosto, um estudo inédito do Ministério da Saúde sobre a gravidade do adoecimento mental de crianças e adolescentes no país passou quase despercebido para a maioria da população, apesar de apontar que houve um aumento de 955% nos atendimentos por depressão, ansiedade e estresse entre jovens de 13 a 29 anos no RS, nos últimos cinco anos

Entre 2018 e 2023, os atendimentos ambulatoriais por ansiedade e depressão dessa faixa etária dispararam no estado. De acordo com os dados da Secretaria Estadual da Saúde compilados no estudo, somente essa estatística evoluiu de forma vertiginosa, de 1.333 casos para 14.058. Nesse mesmo período, os atendimentos da rede pública de saúde aos jovens da faixa dos 14 a 25 anos acometidos por depressão aumentaram 155%. O que, afinal, está provocando o adoecimento mental de crianças e jovens em níveis tão elevados?

Para Christian Kieling, psiquiatra da Infância e da Adolescência e professor da Faculdade de Medicina na Ufrgs, o acesso indiscriminado e sem limitações a conteúdos on-line está relacionado com o aumento de problemas na saúde mental, mas a resposta está longe de ser simples. "Não podemos atribuir o aumento de casos a um único fator, pois a saúde mental é muito complexa, sobretudo em crianças e jovens", pondera.

Chefe de investigações sobre depressão precoce em adolescentes desenvolvidas pelo consórcio norte-americano de pesquisas Idea e diretor do Programa de Depressão na Infância e na Adolescência (ProDia), do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, o psiquiatra explica que o aumento da mortalidade por suicídio e o ingresso em serviços de emergências médicas por autolesão são os principais indicadores de que essas crianças e adolescentes estão cada vez mais expostos a riscos.

"Hoje, temos muito acesso à tecnologia, combinado com isolamento social, sobretudo após a pandemia, e pouco acesso a brincadeiras ao ar livre e poucas conexões em família. Tudo isso contribui para o aumento de quadros de ansiedade e depressão", sustenta Kieling.

Embora admita que a dinâmica familiar mudou de forma radical nas últimas décadas, o psiquiatra prefere não responsabilizar somente os pais ou as famílias por esse adoecimento mental dos jovens. "Muitas vezes, os pais real-

mente não têm tempo para dar atenção aos filhos devido a rotinas de trabalho muito atribuladas, em que há necessidade de seguir trabalhando mesmo à noite. Além disso, a falta de segurança pública e de espaços públicos não os deixa confortáveis para que seus filhos brinquem ao ar livre com a frequência necessária”, esclarece.

E o brincar livremente com seus pares, criando conexões reais, é fator essencial para que as crian-

ças aprendam a se autorregular, tonando-se adolescentes mais saudáveis, conforme explica Kieling. Com essa dinâmica social, consequências como ansiedade, depressão e pouca tolerância à frustração já se tornaram comuns. “Isso também aumenta o risco ao uso de drogas e do excesso de medicação, no caso de classes mais privilegiadas, e submedicação, no caso da população mais carente”, compara.

Embora o aumento dos atendimentos possa ocorrer por uma redução do estigma da saúde mental no Brasil, com maior procura da sociedade e com mais profissionais qualificados, ele entende que deve haver um aumento real de casos e que a saúde pública ainda está aquém de vencer esse problema – com pouca estrutura, o serviço público não consegue oferecer o acesso universal à psicoterapia, o que aliviaria o quadro.



Christian Kieling, psiquiatra da Infância e da Adolescência e professor da Faculdade de Medicina na Ufrgs

Primeira infância pede socorro

A psicóloga Tatiana Prade Hemesath, que atua há 20 anos na UTI pediátrica do Hospital de Clínicas, acredita que os transtornos de saúde mental estão se iniciando cada vez mais cedo. Ela destaca que o número de internações por sequelas de tentativas de suicídio cresceu tanto desde o começo da pandemia, e segue aumentando, a ponto de alterar a dinâmica dos serviços de saúde.

“A própria equipe médica passou a estudar mais, pois até o início da pandemia, quase todos os quadros de internação em UTI eram por traumas físicos”, revela.

No consultório, as mudanças também são visíveis, sobretudo em relação à idade dos pacientes. “Já estou recebendo crianças na faixa dos dois anos com quadros de ansiedade”, afirma ela, lembrando que outros problemas

antes exclusivos da vida adulta já estão afetando a primeira infância. Entre eles, estão a insônia, a depressão e a automutilação.

“No caso da infância, a flacidez das rotinas familiares e o tempo de exposição às telas (que gera excesso de dopamina) trazem inúmeros prejuízos. Entre eles, a tendência à dependência tecnológica e ansiedade de separação dos pais, pelo excesso de tempo

longe”, justifica Tatiana.

A psicóloga enfatiza que esses hábitos da vida moderna afetam diretamente o desenvolvimento infantil, gerando atrasos também no desmame, no desfralde e geram respostas altamente explosivas. Segundo ela, são essenciais para a saúde mental de crianças e adolescentes a qualidade do sono, a alimentação saudável e variada consumida à mesa e a socialização presencial.

Reestruturação das famílias

As mudanças neurológicas que levam à maturidade ocorrem até a formação completa do cérebro, após os 25 anos de idade, lembra o psiquiatra forense Rogério Alves da Paz, que atua na clínica de crianças e adolescentes com transtornos e tem mais de 30 anos de experiência no atendimento a adolescentes com dependência química.

“Os hábitos de vida modernos estão alterando essa lógica, gerando atraso no desenvolvimento cerebral dos jovens, o que afeta tudo, inclusive a saúde mental”, aponta Paz, que foi pesquisador em Psiquiatria na Universidade de

Harvard em 2010 e, também, dirigiu a residência em Psiquiatria e Saúde Mental do Hospital Psiquiátrico São Pedro, de 2007 a 2010.

O médico avalia que, enquanto as mulheres se fortaleceram e reforçaram suas identidades ao longo das últimas décadas, ocorreu uma resignificação dos lugares ocupados por homens e mulheres na estrutura familiar.

“O papel masculino teve uma certa fragilização com a mudança sociológica de papéis que foram estabelecidos ao longo dos séculos.” As consequências dessas novas configurações familiares com papéis indefinidos,

afirma, geraram uma desestruturação psicológica que pode não ser bem assimilada nas famílias.

“Se combinado ao uso de álcool e drogas, excesso de internet e ausência de limites, essa dificuldade parental na educação pode levar a consequências muito ruins”, alerta.

Mesmo com diagnóstico positivo para transtornos, os pacientes podem viver bem e controlar as doenças mentais quando inseridos em um ambiente sadio. Por outro lado, todos os excessos podem agravar significativamente os casos. “Os pais precisam levar a sério a falta de limites”, defende.



Foto: Igor Sperotto

Rogério Paz: alteração da estrutura familiar e hábitos modernos influenciam saúde mental dos jovens

Pontos de apoio à saúde mental na capital

Clínica de Atendimento Psicológico da Ufrgs

Av. Protásio Alves, 297 – 3º andar, Porto Alegre

Vagas para adolescentes e adultos

Inscrições pelo site: ufrgs.br/clinica/atendimento

Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia (Sapp) da PUCRS

Av. Ipiranga 6681, Prédio 11 – Sala 209

Telefone: (51) 3320-3561

E-mail: sapp@pucrs.br

WhatsApp: (51) 98443-0788

Centro Integrado de Saúde UniRitter

Campus Zona Sul

Rua Orfanotrófio, 555, Alto Teresópolis, Prédio D, subsolo 2.

Telefone e WhatsApp: (51) 3230-3376

Agendamentos: cis.zonasul@uniritter.com.br

Campus Fapa

Av. Manoel Elias, 2001 – Passo das Pedras, Prédio 5

Telefone e WhatsApp: (51) 3230-3348

Agendamentos: cis.fapa@uniritter.com.br



Ações para enfrentar a crise climática não passam de boas intenções

por Elstor Hanzen

Secas mais severas e frequentes na Amazônia, ciclones, tempestades, inundações, deslizamentos por todo o país e em diversas regiões do planeta. Os impactos do aquecimento global estão cada vez mais presentes e fora de controle, agravados pela destruição dos ecossistemas pela ação humana. As projeções são de que os extremos climáticos inviabilizem a vida na Terra se nada for feito no curto prazo, a exemplo da redução a zero das emissões de gases de efeito estufa até o ano de 2050. No Brasil, apesar do risco iminente da escassez de alimentos, água e de uma crise sem precedentes na geração de energia, as políticas públicas de prevenção e com vistas a mitigar os impactos das catástrofes não saem do papel

Vendavais, enchentes, calor, granizo e longas estiagens entraram na rotina dos brasileiros. Conta de energia elétrica mais cara, céu cinza, nariz e garganta trancados por causa da fuligem confirmam para quem não acreditava que a crise climática sobre a qual os cientistas tanto alertaram já faz parte do cotidiano, afeta a vida de norte a sul do país e no mundo, e prenuncia períodos de seca e escassez.

O enfrentamento à crise climática no Brasil é urgente, reitera o climatologista Carlos Nobre, principalmente devido ao aumento descontrolado do desmatamento e à intensificação das queimadas, uma prática do agronegócio que fugiu ao controle nas fazendas e proliferou em áreas urbanas pela ação de criminosos.

“Sim, os eventos serão mais frequentes enquanto as temperaturas globais permanecem altas como

agora. Se continuarmos com as emissões de gases, as secas extremas ficarão mais frequentes”, assegura Nobre.

Um cenário de falta de alimentos, de água e de energia, que pode se aproximar diante das catástrofes climáticas, parece não ser motivo de preocupações, nem motiva ações concretas e imediatas por parte dos governantes para o enfrentamento de uma eventual crise de alimentos.

Apagando incêndios

Durante um encontro com governadores em setembro deste ano, o presidente Lula anunciou um plano emergencial de colaboração entre União, estados e municípios para combater os incêndios e a seca no Brasil, com ações imediatas e também de longo prazo.

Governadores e representantes da Amazônia, do Cerrado e do Pantanal apresentaram sugestões para atender de forma mais célere às demandas para a contenção de queimadas no país, e alguns estados já formalizaram pedidos no encontro com o presidente.

Além de R\$ 514 milhões em crédito extra para combate às queimadas na Amazônia, viria do BNDES o reforço de medidas de contenção com mais R\$ 400 milhões. Esses recursos foram para o apoio aos Corpos de Bombeiros

dos estados da Amazônia Legal para compra de equipamentos, materiais e viaturas.

“Outros créditos serão publicados à medida que os governadores apresentarem os pleitos e materializarem as suas demandas”, destacou à época o ministro da Casa Civil, Rui Costa. “Não faltou recurso para o Rio Grande do Sul e não faltará também para a Amazônia, para o Pantanal e para o Cerrado. Já aprovei vários planos para o Mato Grosso do Sul, estamos agora aprovando plano para Goiás, para o Mato Grosso, como temos feito às demais regiões”, afirmou o ministro da Integração e do Desenvolvimento, Waldez Góes, em entrevista à EBC.

Já o enfrentamento de longo prazo da crise de alimentos, água e energia que se anuncia com o agravamento dos extremos climá-

ticos fica para depois. Ou seja, os governos e as prefeituras estão mais ocupados em apagar incêndio. Literalmente.

Já no RS arrasado pelas enchentes, as obras de modernização e construção de sistemas de contenção contra cheias, os quais compreendem os diques de proteção do Arroio Feijó e de Eldorado do Sul, serão geridas pelos governos federal e estadual e custarão R\$ 6,5 bilhões. Mas são metas também para depois. Anunciadas como prioridades em meio à enchente que assolou o estado em maio, essas medidas não devem sair do papel tão cedo, como declarou Eduardo Leite durante a assinatura da portaria ao lado de Lula e dos ministros Paulo Pimenta e Rui Costa. “São obras complexas, que levarão tempo para serem executadas”, avisou o governador gaúcho.

imática

S



Eldorado do Sul, arrasada pela enchente, terá que esperar pela construção do dique de proteção prometido aos moradores no calor da tragédia

Escassez de água

No âmbito do governo do Rio Grande do Sul – fora as políticas costumeiras para as secas, como a irrigação das lavouras –, as políticas para enfrentar as mudanças climáticas têm suas principais ações

previstas para metade de 2025.

“Cada vez mais, estamos percebendo que a escassez de água para produção de alimentos e consumo humano pode se tornar uma realidade em regiões onde os

recursos hídricos eram abundantes e suficientes. Entretanto, essa percepção ainda não se traduziu em práticas mais robustas de proteção dos mananciais de água, ou seja, rios, lagos, nascentes, aquíferos, e dos biomas que garantem o regime de chuvas necessário para a sua renovação”, alerta o pesquisador do Observatório das Metrópoles (rede que reúne pesquisadores de diversas instituições), professor da Unisinos e doutor em Sociologia pela Ufrgs, Milton Cruz.

Mesmo com falta de medidas concretas para enfrentar uma possível crise de desabastecimento, no Brasil o alerta já bateu no centro do poder econômico, porque o desequilíbrio do clima tem puxado a alta da inflação, a começar pelo aumento da energia elétrica – que passou à bandeira vermelha em outubro –, devido a recordes

de temperatura e tempo seco na faixa central do país.

A pesquisadora do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) Vera Arruda destaca que essa seca afeta amplamente o Brasil, impactando a agricultura, a geração de energia e a segurança hídrica.

“No Rio Grande do Sul, que depende fortemente da agricultura, a falta de chuvas provoca perdas econômicas significativas, além de agravar a crise hídrica e energética”, constata Vera.

“Além dos prejuízos econômicos e sociais, a seca altera o ciclo hidrológico, agravada pelo desmatamento na Amazônia e no Cerrado. A perda de cobertura florestal enfraquece os rios voadores, prejudicando a distribuição de chuvas e intensificando secas no RS e em outras regiões”, ressalta a especialista.

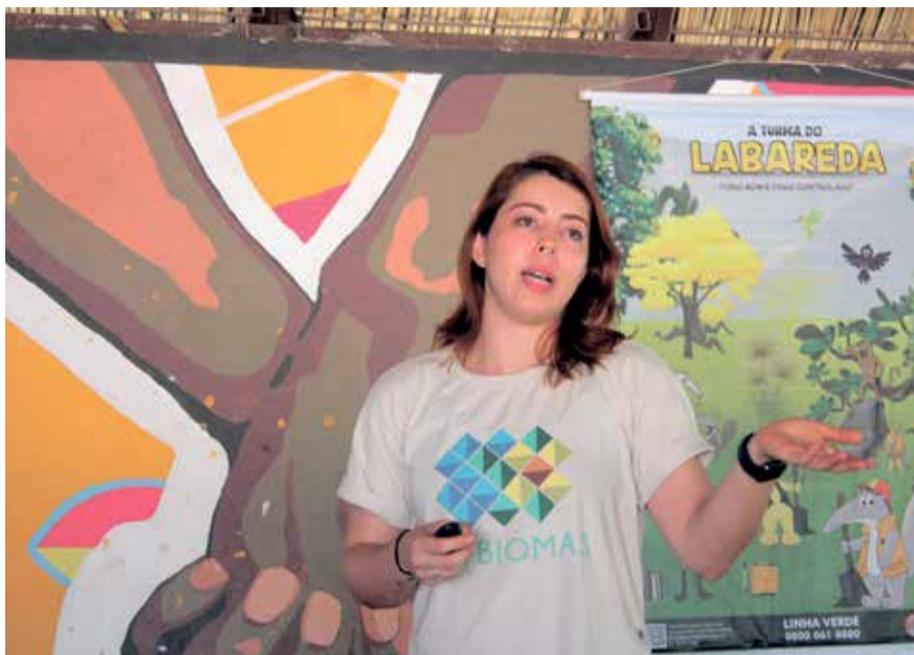


Foto: Bibiana Garrido/Divulgação

Desmatamentos e queimadas na Amazônia e no Cerrado enfraquecem os ‘rios voadores’ e intensificam as secas no RS, alerta Vera Arruda, do Ipam

Aprender com o SUS

A 73ª edição do *Statistical Review*, relatório publicado em junho pela multinacional de auditoria e consultoria fiscal KPMG e pelo Energy Institute (IE), do Reino Unido, revelou que o ano de 2023 foi marcado por recordes em consumo de combustíveis fósseis, produção de petróleo, emissões de gases de efeito estufa (GEE) e geração de energias renováveis. Nesse combo, as energias renováveis têm participação no consumo total de energia de 14,6% apenas. Diante disso, qual é o melhor caminho para acelerar a transição energética?

O professor Milton Cruz estabelece um paralelo ao responder à pergunta. Ele diz que o processo de implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), reconhecido como melhor sistema público do mundo, pode servir como importante aprendizado. Nesse processo, estiveram envolvidos milhares de delegados representando usuários, trabalhadores da saúde, partidos políticos, diferentes níveis de governo, universidades, parlamentares e ONGs. Ou seja, constituiu-se um amplo processo de participação social.

“O SUS foi o resultado de um

amplo processo de mobilização e consequência das transformações de uma sociedade agroexportadora de café e açúcar para a industrialização e, mais recentemente, para a consolidação da sociedade urbanizada das metrópoles e grandes cidades. A urbanização e a produção do agronegócio avançaram sobre os biomas existentes no Brasil, os transformando significativamente, alterando o equilíbrio existente”, alerta.

Para o pesquisador do Observatório das Metrópoles, os impactos ambientais negativos do modelo predatório de crescimento do país



Foto: Henrique Ferreira Bregão/CMPA

A urbanização e o agronegócio avançaram sobre os biomas, destruindo o equilíbrio, destaca o sociólogo Milton Cruz



Seu Cartão do Associado agora também é virtual e está no novo App do Sinpro/RS.

Mais prático, mais completo e mais fácil de economizar.

Mais de 500 convênios em produtos e serviços com descontos para você.

Baixe ou atualize o seu






são agora percebidos por uma grande parte da população, o que pode contribuir para a unificação daquela parcela da sociedade que acredita que a ciência pode indicar os caminhos para a proteção do meio ambiente e a criação

de ambiências que sustentem a vida no planeta.

“A urbanização exige que tratemos o esgoto e a água, o lixo gerado, que preservemos a arborização, que utilizemos fontes diversificadas de energia, que

cuidemos da saúde coletiva, e que evitemos o uso excessivo do automóvel para que tenhamos um ambiente urbano saudável e gerador de bem-estar”, enfatiza.

Embora o contexto atual seja diferente, com uma sociedade mais

fragmentada, polarizada, negociantista, o professor da Unisinos acredita que o parâmetro do SUS pode ser útil, porque o enfrentamento à mudança climática exige participação social, transparência e formação de novos hábitos de consumo.

Mais no papel do que na prática

Com os eventos extremos cada vez mais presentes, a maioria das pessoas relaciona a tragédia das enchentes às mudanças climáticas, por exemplo. Um estudo do Instituto Polis revelou que sete em cada dez brasileiros já vivenciaram pelo menos uma situação associada às mudanças climáticas, o que equivale a mais de 118 milhões de pessoas acima dos 16 anos. Conforme a pesquisa, o cenário do novo normal do clima no país – fortes chuvas, falta d’água, ondas de calor extremo, ciclones e queimadas – traz preocupação ao brasileiro com a importância da transição energética para mudar o jogo.

Governos e entidades do setor privado captaram essa tendência

e afinaram o discurso de comprometimento em relação à crise climática. O *Extra Classe* procurou diversos órgãos e entidades representativos da sociedade para apurar o que há de planejamento, projetos e ações para fazer frente à nova realidade climática. Entretanto, até o fechamento desta reportagem, apenas o governo do RS e a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) mandaram respostas.

Dentro do *Proclima2050 – Estratégias para o Enfrentamento das Mudanças Climáticas*, programa lançado em 2023 pelo governador Eduardo Leite (PSDB), há iniciativas que visam à mitigação e à resiliência climática, informou o

governo por meio da assessoria de comunicação.

Inventário de emissões de GEE, análise de riscos e vulnerabilidade climática, descarbonização das cadeias produtivas, plano de ação climática e normativa climática estão no planejamento. A entrega da conformidade dos seis itens está prevista só para julho de 2025, segundo a Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura.

Também está em desenvolvimento o Roadmap Climático, projeto selecionado para receber recursos internacionais, que tem como objetivo realizar um diagnóstico sobre as ações climáticas nos 497 municípios do Rio Grande do Sul. “O propósito principal é

permitir que as ações dos municípios contribuam efetivamente para a meta coletiva de zerar as emissões de GEE até 2050”, destaca a Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação.

A Fiergs, por sua vez, defende a mitigação e adaptação às mudanças climáticas e informa que está comprometida em propor caminhos e incentivar a indústria para uma economia de baixo carbono. A agenda para a descarbonização da indústria e adaptação aos efeitos da mudança do clima está centrada em quatro eixos: transição energética, mercado de carbono, economia circular e conservação florestal.

Foto: Bruno Peres/Agência Brasil



Junho de 2024, Daiane Azevedo Cabral em frente ao que sobrou da sua casa destruída na Ilha da Pintada após chuvas e novos alagamentos

Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/ Agência Brasil



Apagando incêndio: não faltarão recursos contra seca e queimadas, garante o ministro do Desenvolvimento Regional, Waldez Góes

Para quem é da capital

Obras em casa?

Para quem é do interior

Sossego para estudar?

Nova orla do Guaíba?

Shows e espetáculos?

25 apartamentos em Porto Alegre com preços mais baixos para associados do Sinpro/RS e descontos especiais para mensalistas. Quem é do interior aproveita o que tem de melhor na capital e fica muito bem acomodado. Quem é de Porto Alegre não passa aperto em casa porque sempre tem onde ficar. Seus parentes e amigos também são bem-vindos.

RESERVAS
casadoprofessor.sinprors.org.br

SINPRO/RS
Sindicato Estadual

CASA do PROFESSOR
Hotel

Emoção marca a cerimônia do Prêmio Educação RS 2024

Vencedores receberam o troféu Pena Libertária no dia 18 de outubro, em solenidade na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre

por Edimar Blazina

Os relatos de superação, as histórias inspiradoras e o compromisso dos profissionais fazem da entrega da Pena Libertária aos vencedores do Prêmio Educação, no mês de outubro, uma verdadeira festa da educação.

Nesta edição, foram homenageados, na categoria Profissional da Educação, o professor Rualdo Menegat, do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia do Instituto de Geociências da Ufrgs; na categoria Projeto, *Representatividade, Cultura Afro e Racismo 2023 – Reflexão Musical*, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Alfredo Wendling, de Dois Irmãos; e na categoria Instituição, a Unidade da Universidade Estadual do Rio

Grande do Sul (Uergs) de Erechim.

A definição dos vencedores, entre as 73 indicações enviadas, se deu pelo voto dos professores associados ao Sinpro/RS, em votação eletrônica; da Comissão Avaliadora Externa, constituída especialmente para esta edição; e da Comissão Avaliadora Interna, formada por diretores e diretoras do Sindicato.

Entre os critérios considerados, estão o compromisso com a educação de qualidade, o desenvolvimento da cidadania, o acesso da população à educação e ao conhecimento, a valorização dos princípios democráticos e a construção de uma sociedade menos desigual, o respeito à diversidade sociocultural e suas manifesta-



Fotos: Igor Speratto

O evento realizado na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, marcou a entrega do troféu Pena Libertária aos vencedores da 27ª edição da premiação

ções; a valorização profissional e o respeito à legislação e condições adequadas de trabalho.

“Neste ano, comemoramos os 27 anos do Prêmio Educação RS – uma trajetória longa, que consolidou esta premiação na agenda cultural e educacional do Rio Grande do Sul”, destacou Rodrigo Perla, diretor do Sindicato. “São 27 anos de investimentos, de tempo e de recursos do Sindicato para tirar do anonimato aqueles que acre-

ditam e fazem da educação sua arma de resistência, resiliência e transformação da sociedade, competindo com narrativas extremistas e com um discurso fácil, superficial e individualista em relação à educação, em todos os níveis”.

A cerimônia de entrega do troféu Pena Libertária, especialmente criado pelo artista plástico Gustavo Nakle para o Prêmio, foi realizada em Porto Alegre, na Fundação Iberê Camargo.

Os vencedores da 27ª edição

Rualdo Menegat, Ufrgs

Geólogo, mestre em Geociências e doutor em Ciências na área de Ecologia de Paisagem, pela Ufrgs, e Doutor Honoris Causa, pela Upab, Peru, é um dos maiores conhecedores das questões do solo, subsolo, rios, clima, vegetação, relevo, fauna e presença humana na região metropolitana de Porto Alegre e no território gaúcho. Foi coordenador-geral do Atlas Ambiental (1998) e do Atlas Ambiental de Porto Alegre (2006), obra inédita na literatura internacional, que recebeu várias premiações da ONU. Inspirou iniciativas semelhantes em 60 cidades do país e do mundo. Publicou cinco livros.



O professor Rualdo Menegat (E) recebeu o troféu Pena Libertária entregue por Marcos Fuhr, diretor do Sinpro/RS

Representatividade, Cultura Afro e Racismo 2023 – Reflexão Musical, EMEF Felipe Alfredo Wendling, de Dois Irmãos

Coordenado pelo professor Moisés Bruno de Oliveira, o projeto teve como foco a promoção da conscientização crítica e empática dos alunos sobre questões cruciais, como racismo, desigualdade social, cultura afro-brasileira e representatividade. Através da análise de músicas e videoclipes, os alunos foram desafiados a interpretar as mensagens, contextualizando-as em suas próprias realidades. Adotando uma abordagem construtivista sociointeracionista, o projeto superou as expectativas.



A diretora do Sinpro/RS Glória Bitencourt entregou o prêmio ao professor Moisés Bruno de Oliveira

Unidade da Uergs de Erechim

A Uergs foi fundada depois de intensa movimentação no estado em 2001. Em Erechim, a Unidade começou a funcionar em 2003. São 21 anos de integração com a comunidade local. Seus cursos de graduação e de pós-graduação dão suporte ao desenvolvimento dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, estabelecidos pela ONU. Apesar das limitações de espaço, de número de professores, de orçamento, a Unidade nunca deixou a região desprotegida de ensino, pesquisa e extensão, adaptando-se na pandemia de covid-19 e nas enchentes do Rio Grande do Sul.



O pró-reitor Gabriel Borges da Cunha (E) recebeu do diretor do Sinpro/RS Cássio Bessa o troféu para a Uergs Erechim

Professores têm canal exclusivo para relatar casos de censura e constrangimentos

O Sinpro/RS lançou o Canal Liberdade de Ensinar, no final de setembro, exclusivo para professores do ensino privado do Rio Grande do Sul relatarem situações de constrangimento, violência, uso indevido de imagem, exposição nas redes ou interferência externa que comprometa a liberdade e autonomia no trabalho docente. A ferramenta está disponível no site do Sinpro/RS (www.sinprors.org.br).

"A partir dos relatos, o Sindicato definirá políticas de amparo e defesa dos professores, da liberdade de cátedra", explica Cecília

Farias, diretora do Sinpro/RS. "Muitos professores têm sofrido calados perseguições e ameaças e isso não pode continuar assim." Ela destaca que as informações enviadas ao Sindicato serão mantidas em sigilo para garantir a integridade dos professores.

O Canal integra a Campanha Liberdade de Ensinar e Aprender, lançada no início de agosto, para alertar a sociedade sobre o crescimento do clima policialesco de constrangimento e patrulha no ambiente escolar.

"É importante a sociedade se

dar conta do quão danoso são para a própria sociedade as investidas contra conteúdos programáticos e a ciência", defende Erlon Schuler, diretor do Sinpro/RS. "Trata-se de um movimento reacionário, orquestrado por grupos políticos, carregado de desinformação e preconceitos, e que ferem princípios constitucionais, como a liberdade de cátedra e o pluralismo de ideias."

ORIENTAÇÕES – A campanha do Sinpro/RS também orienta os professores sobre os direitos legais e a defesa em caso de descumprimentos, ameaças e perseguições.

Foto: Igor Sperotto



Campanha Liberdade de Ensinar e Aprender ganha as ruas em painéis eletrônicos, em Porto Alegre, e nas rádios em diferentes regiões

SÃO JUDAS TADEU

Mantenedora comunica encerramento das atividades

A Faculdade e o Colégio São Judas Tadeu informaram, em outubro, que não pretendem abrir matrículas no próximo ano letivo. Depois de comprometer seu caixa por meio de sucessivas operações de antecipação de receitas com o sistema financeiro e em meio a dívidas que somam quase R\$ 135 milhões, a instituição está na iminência de

abrir um processo de falência.

No comunicado, a mantenedora informou que só dispõe de caixa para pagar 20% dos salários até o final do ano letivo. Os professores estão há três meses sem salários, e cerca de 200 docentes, técnicos e administrativos demitidos não receberam seus créditos rescisórios, que foram parar no

processo de Recuperação Judicial. "O Sinpro/RS está empenhado para que o patrimônio da instituição e eventuais receitas oriundas da venda de patrimônio sejam revertidos para os trabalhadores", afirma Amarildo Cenci, diretor do Sindicato.

A São Judas emprega aproximadamente 100 docentes e traba-

lhadores de outras categorias e mantém em torno de 300 matrículas na educação básica e no ensino superior. Em uma tentativa de fazer caixa, o prédio da Faculdade foi ofertado por lance mínimo de R\$ 24,1 milhões em leilões, porém não houve interessados e as ofertas que se sucederam foram consideradas aviltantes.

AELBRA

Iniciado pagamento de parcelas do PDV

Após a demissão do primeiro grupo de professores que aderiu ao Plano de Demissão Voluntária (PDV) no acordo coletivo aprovado pela categoria em julho, novas polêmicas marcaram os últimos dois meses na relação da Aelbra, mantenedora da Ulbra, com o Sinpro/RS.

O desligamento dos professores que aderiram ao PDV demorou a ser colocado em prática.

Ao final do prazo de adesão, 175 docentes manifestaram a disposição de desligamento voluntário. O mês de outubro, no entanto, foi marcado pela polêmica envolvendo a base de cálculo das verbas rescisórias, o que acabou adiado por mais um mês o início das homologações das rescisões. "Lamentável que, após uma extensa negociação que se estendeu por

todo o primeiro semestre, tenha sido necessária mais uma etapa para garantir o que já estava explícito no acordo firmado", criticou Marcos Fuhr, diretor do Sindicato.

RECUPERAÇÃO JUDICIAL – A Aelbra vem efetivando o pagamento das parcelas do acordo firmado com a Procuradoria Geral da Fazenda Nacional e com a Caixa para regularização dos

depósitos de FGTS nas contas vinculadas.

Até o momento, foram pagas seis parcelas no montante aproximado de R\$ 90 milhões. As pendências de FGTS integram a totalidade dos créditos trabalhistas acordados no Plano de Recuperação Judicial da Aelbra, aprovado pela assembleia de credores no final de 2023.

NOTAS

PROFESSORES SOLIDÁRIOS – A direção do Sindicato decidiu realocar as verbas destinadas às comemorações do Dia do Professor deste ano para auxiliar docentes atingidos pelas enchentes em todo o estado, por meio do Projeto Professores Solidários. Dessa forma, não foram realizadas as tradicionais festividades relativas à data.

Com os valores, mais de 300 docentes e seus familiares já tiveram ajuda,

seja com alimentos, materiais de limpeza e construção, seja com recursos financeiros, que contribuiram para a retomada de suas condições de vida, em um momento tão delicado.

A demanda por auxílio aos professores e comunidades vulneráveis ainda existe e a ajuda segue sendo prestada pelo Professores Solidários. Saiba mais no site do Sinpro/RS (www.sinprors.org.br).

SALÁRIO – A edição 2024 do Ranking Salarial do ensino privado já pode ser acessada no site e no aplicativo do Sinpro/RS. A ferramenta lista os valores hora-aula pagos aos docentes em mais de 600 instituições, nos diferentes níveis de ensino, em todo o Rio Grande do Sul.

Os valores estão atualizados conforme o reajuste previsto nas Convenções Coletivas de Trabalho (CCTs), firmadas entre o Sinpro/RS e os diferentes sindicatos patronais, sem considerar o repouso remunerado e os adicionais de salário. Os dados foram certificados individualmente pelos gestores de escolas e instituições de educação superior.

Professores e funcionários das Ices criticam descaso do sindicato patronal e do Comung com as categorias

Professores e funcionários técnicos e administrativos das Instituições Comunitárias de Educação Superior (Ices) do Rio Grande do Sul divulgaram uma Manifestação pública, em outubro, com duras críticas à condução deste segmento da educação, em especial, no que se refere ao tratamento dispensado à comunidade interna dos seus trabalhadores e suas representações.

A Manifestação foi apresentada ao final da 16ª Plenária do Fórum das Comunitárias, realizada no dia 19, e encaminhada à direção do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (Comung), o qual representa as 14 Ices gaúchas (Unisc, Feevale, UFN, UPE, URI, PUCRS, Urcamp, Unijuí, Unilasalle, Unicruz, UCS, Univates, Unisinos, UCPel).

Os trabalhadores acusam as gestões das Ices e do Comung de ignorar todas as avaliações e propostas para o setor definidas pelas entidades sindicais dos professores e do Fórum das Comunitárias. E afirmam que esse padrão de conduta atesta sua dificuldade cada vez mais acentuada de concretizar seu conceito comunitário e de eviden-

ciar um real diferencial em relação às instituições privadas e mercantis.

"Há também uma absoluta resistência das Ices, representadas por seu sindicato, o Sindiman/RS, a todas as pautas dos trabalhadores", destaca o professor Marcos Fuhr, dirigente do Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (Sinpro/RS), uma das entidades signatárias da Manifestação e integrante do Fórum das Comunitárias. "O sindicato patronal tem se empenhado pela flexibilização e retirada de direitos históricos de professores e funcionários."

Segundo Marcos Fuhr, as Ices decidiram criar um sindicato patronal por discordar da concessão de 1% de aumento real aos professores no período áureo da economia brasileira, em 2010, quando o Brasil cresceu 10% ao ano. "Foi uma das poucas circunstâncias em que os professores e os funcionários técnicos e administrativos tiveram aumento real de salário", detalha o dirigente do Sinpro/RS. "Isso gerou uma enorme insatisfação, que resultou em 2015 com a saída das Ices do sindicato patronal do ensino privado do RS. E essa saída



Foto: Igor Sperotto

Plenária do Fórum das Comunitárias foi realizada em outubro

abriu brecha para que as grandes empresas de educação sentassem à mesa no lugar delas."

Fuhr diz que, desde 2016, os trabalhadores das Ices têm travado uma luta todos os anos, não para avançar qualquer coisa, mas para resistir, para tentar manter direitos históricos da categoria.

"É uma contradição que os trabalhadores das Ices, através das suas entidades representativas, tenham dobrado as dificuldades para negociar com o sindicato patronal as suas condições de trabalho, o que não se restringe à nego-

ciação coletiva por uma convenção, que é o acordo entre os sindicatos."

APOIO – Os participantes do Fórum ainda reiteraram que, apesar das críticas às comunitárias, manterão o apoio às reivindicações do setor ao governo do estado e à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, como a inclusão de 0,5% da receita de impostos para bolsas de estudos do ensino superior comunitário, bem como a manutenção e continuidade do programa Professor do Amanhã.

Mais informações no site Fórum (www.forumdascomunitarias.org.br).

APOSENTADORIA

por Daisson Portanova
Advogado da Apaepers



Benefício por incapacidade e a isenção da perícia em função da idade ou do tempo de fruição do benefício

São reiteradas as revisões em relação aos benefícios por incapacidade. Algumas vezes, por determinação legal, que impõe a revisão dos benefícios mantidos pelo sistema previdenciário decorrentes da incapacitada permanente ou temporária.

Em outros momentos, a condução da Previdência Social realiza pentes-finos para a reapresentação do segurado em fruição do benefício ao exame desta incapacidade ou pelo fato de que a doença tende a ser curada e não mais residir incapacidade laboral, o que vinha se denominando como alta programada.

Essas circunstâncias decorrem de lei e é obrigação do sistema permanente averiguação das condições laborais do trabalhador.

Entretanto, não é incomum que o INSS também proceda revisões ou cessação do pagamento de benefício por incapacidade quando a norma outorga uma proteção social maior ao trabalhador incapacitado, ora decorrente de sua idade, da espécie do benefício ou mesmo pelo tempo que vinha sendo mantido o benefício.

A primeira exceção, prevista na legislação previdenciária, em re-

lação aos benefícios por incapacidade, decorre do fato de que o segurado esteja há mais de 15 anos de fruição de benefício, seja ele por invalidez ou auxílio-doença e, concomitante, tenha a idade superior a 55 (cinquenta e cinco) anos. Ou seja, nesses casos, não só o segurado ficará isento do exame pericial, como, por decorrência, não poderá ter o benefício cessado. Outra exceção decorre de a condição de beneficiário de aposentadoria por invalidez ter mais de 60 anos. Essa situação também é destinada a pensionista inválido(a), ou seja, decorrendo a pensão de invalidez ou incapacidade do beneficiário, também ficará isenta da realização do exame pericial.

Como sabemos, a realidade, muitas vezes, ultrapassa o bom senso e fere de morte a letra clara da lei, impondo o devido reparo quando o INSS exaspera o direito cessando o benefício que era devido, ou exigindo, sem fundamento, a realização de perícia quando a norma assim não o faz. Não são poucas as decisões determinando o INSS abster-se de exigir nova perícia quando se tratando das situações antes narradas e, reiteradamente, o deslinde final é o restabelecimento do benefício violado.

Grupo DLS Imóveis oferece R\$ 33 milhões por Ipa, Americano e União

Fica oficialmente encerrada a atuação da Rede Metodista em Porto Alegre com o leilão, no dia 4 de novembro, da parte dos prédios históricos do Centro Universitário Metodista (IPA) e do Colégio Americano (carteira de alunos). No pacote, também está em negociação o Colégio União, de Uruguaiana.

A Rede Metodista está em recuperação judicial desde 2021, quando registrou R\$ 576 milhões em dívidas com mais de 11 mil credores, entre eles, os professores com pendências trabalhistas.

A venda das unidades ocorre no modelo *stalking horse*, quando já há um interessado de referência, o que não impede novos lances maiores, o que acabou acontecendo.

Com um participante de última hora, o Grupo DLS apresentou uma oferta presencial de R\$ 33 milhões (descontados 5% do leiloeiro). A DLS é um grupo imobiliário com atuação em Porto Alegre e outros estados. O lance preferencial, até então, havia sido ofertado pelo ECB Group, do empresário Erasmo Battistella, que comanda a Be8, maior produtora de biodiesel do país, sediada em Passo Fundo. Conforme o leiloeiro Norton Fer-

nandes, "pelo edital do leilão, o ECB Group ainda tem três dias para igualar o valor do lance e exercer seu direito preferencial e adquirir os imóveis". Até o fechamento desta matéria, ainda não havia uma conclusão sobre quem será o proprietário dos imóveis.

Em 2022, o grupo ECB já havia arrematado o Instituto Educacional Metodista de Passo Fundo (IE), o qual foi reformado e reinaugurado em 2023. A escola segue trabalhando com educação infantil e ensinos fundamental e médio. A avaliação total dos imóveis e carteira de alunos é de R\$ 42 milhões.

O IPA encerrou suas atividades no mesmo ano de seu centenário, 2023, quando parte dos imóveis, no bairro Rio Branco, na capital gaúcha, foi arrematada em leilão anterior pelo Grupo Cyrela.

Os colégios Americano e União, com ensino fundamental e médio, seguiram em funcionamento e têm matrículas abertas para 2025. Com a venda das duas unidades, a atuação de Rede Metodista de educação no estado se restringirá a Santa Maria, onde funciona o Colégio Centenário, uma vez que a Faculdade Metodista Centenário (Fames) também encerrou suas atividades no final de 2023.

REVISTA TEXTUAL

O futuro das cidades passa por práticas regenerativas

A tragédia climática, suas causas e consequências, é matéria de capa da 35ª edição da *Revista Textual*. O professor da Ufrgs Rualdo Menegat estabelece cinco eixos estruturantes para abordar o desastre hidrológico que ocorreu no estado do RS em maio.

Já a professora e pesquisadora da Universidade Feevale Danielle Paula Martins aborda a catástrofe ambiental sob o ponto de vista do desmonte da legislação ambiental.

E o professor Arthur Telló discute sobre o ato de censurar, desde a construção histórica dessa prática até as investidas contra livros e ideias na atualidade.

ARTIGOS – O professor da PUCRS José Luís Ferraro faz uma importante reflexão sobre Inteligência Artificial no processo pedagógico.

A importância da sala dos professores no contexto dos espaços de construção da docência é tema de reflexão do professor da UCPel Marcos Kammer; e o perfil dos professores da educação infantil no ensino privado do RS é tratado pelos professores Honor de Almeida Neto e Rodrigo Perla Martins.

A edição deste semestre tem tiragem de 3 mil exemplares e versão em PDF e Flip, disponível gratuitamente no site do Sindicato (sinprors.org.br).



Um ano vestido de Rosa

Todos os anos, reivindicamos o *Outubro Rosa*, conhecido como um movimento mundial de conscientização para a prevenção do câncer de mama, enfermidade cujas estatísticas de mortalidade superam as demais quando se fala de neoplasia em mulheres. Essas iniciativas são importantes, pois sensibilizam e incentivam as mulheres a realizarem seus exames e devem ser sustentáveis ao longo do ano todo.

Estilo de vida é o foco

De forma geral, quando falamos em prevenção, no caso SAÚDE DA MULHER, obrigatoriamente estaremos falando do estilo de vida. A adoção de hábitos saudáveis, como uma dieta equilibrada com ênfase no controle do peso corporal, a prática regular de atividade física (a indicação é de 150 min por semana), absolutamente não fumar e evitar o consumo de álcool são as premissas que irão contribuir para a prevenção de doenças, incluindo as de alta mortalidade, como o câncer de mama.

Desconstruindo e desgourmetizando

É importante salientar fortemente aqui que os atores do ESTILO DE VIDA não são comidas de reels, gourmet e inacessíveis, que a atividade física não é necessariamente na academia top e cara e que, SIM, pode ser aquela alcançável caminhada no bairro, com tênis de baixo custo e roupas leves. O ponto alto é a vontade de mudança para construir em cada passo a cultura do movimento em busca de uma vida de mais qualidade e menos remédios.

Estamos juntos!
O Sinpro/RS ajuda você a construir um estilo de vida positivo.
Para você e seus dependentes:

A Plataforma SOMOS MOVE

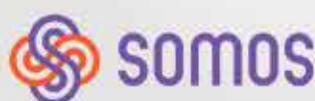
Uma plataforma digital de videoaulas de muitas atividades físicas e treinos, receitas e planos alimentares. É livre e gratuita para os associados e dependentes. Acesse e faça seu cadastro.
<https://www.sinprors.org.br/saude/saude-do-professor/>

MOVE - Grupo de Corrida e Caminhada (em Porto Alegre)

<https://www.sinprors.org.br/saude/grupo-de-caminhada-e-corrída/>
Mensalidade subsidiada pelo Sindicato.

Aulas online

Todas as terças e sábados, uma atividade remota – Ativação Corporal, no Facebook do Sindicato. Uma aula de 30 minutos, de fácil realização e bons resultados na saúde.



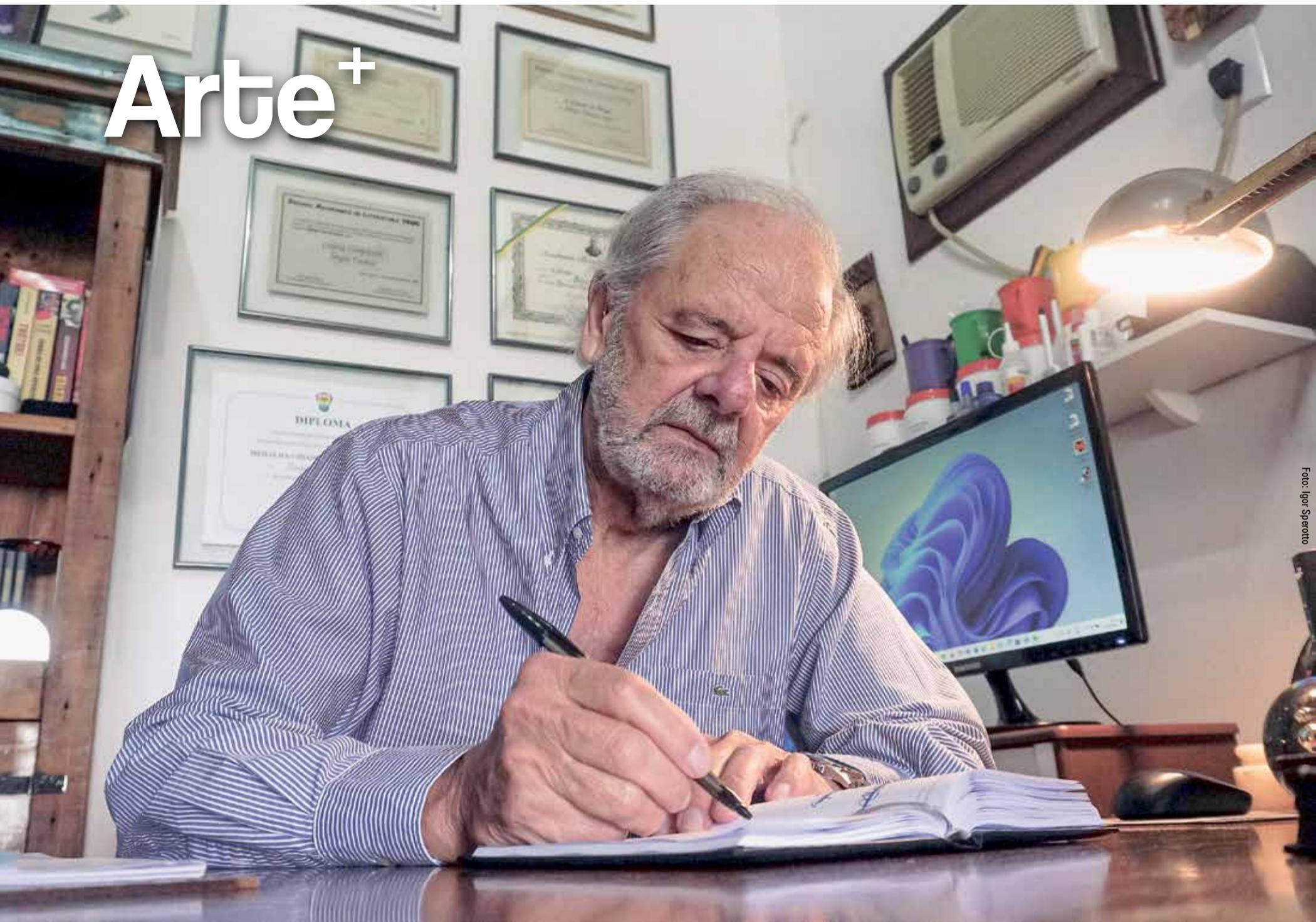


Foto: Igor Sperato

O escritor Sérgio Faraco, 84 anos, patrono da 70ª Feira do Livro de Porto Alegre, lança o livro *Digno é o Cordeiro – Memória de um ano sombrio*

Histórias esculpidas de sentimentos brutos

por César Fraga

“É uma homenagem importante que recebo da Câmara Rio-Grandense do Livro e sempre vou lembrar. Não a recebo por mim, que pouco mereço, mas em nome daqueles que sinto representar nessas duas semanas, os escritores desta cidade e deste estado. A distinção é deles.” Com essas palavras, o escritor Sérgio Faraco se pronunciou ao ser anunciado patrono da 70ª edição da Feira do Li-

vro de Porto Alegre, que acontece de 1º a 20 de novembro, na Praça da Alfândega, no Centro Histórico da capital dos gaúchos.

Trata-se da mesma praça que foi palco de um de seus mais célebres contos, *A Dama do Bar Nevada*. Um lugar na cidade que, nos demais 345 dias do ano, é desprovido do glamour vivido durante os 20 dias da festa do livro e da literatura.

É habitada, na vida real, assim

como na ficção de Faraco, por aposentados, michês, moradores de rua, prostitutas, enfim, seres humanos tanto frágeis quanto solitários em busca de companhia em troca de favores, pouso e alguns trocados. O olhar de respeito pelo humano possível e não idealizado percorre a obra do autor em qualquer cenário, seja urbano ou da região da fronteira, de onde é natural.

Nasceu em Alegrete, em 1940,

cidade próxima das divisas do Brasil com Uruguai e Argentina.

Entre 1963 e 1965, viveu por dois anos na então União Soviética, quando cursou o Instituto Internacional de Ciências Sociais, em Moscou. É formado em Direito, mas é como escritor que se destacou. Ao longo da sua produção literária, acumulou prêmios e reconhecimentos pelos seus contos, memórias e crônicas.

Novo livro de memórias

Sérgio Faraco, 84 anos, morador de Porto Alegre, já teve seus contos publicados em mais de dez países, como Alemanha, Argentina, Bulgária e Chile. Seu livro mais recente, *Digno é o Cordeiro – Memória de um ano sombrio* (L&PM, 120 pág.), pode ser considerado uma continuação de *Lágrimas na Chuva*, de 2002.

Em *Lágrimas na Chuva*, ele relata sua experiência de prisão na extinta União Soviética na juventude. Já o novo livro fala do seu retorno ao Brasil em 1965, no período pós-golpe militar, quando também foi preso pela Interpol em Porto Alegre, em um sobrado da rua Duque de Caxias, de onde não sairia ileso.

Digno é o Cordeiro documenta e revive os anos de horror entre 1964 e 1985 no Brasil. Nele, o autor olha para o estado-violência, repressor, que suprimiu liberdades individuais, direitos e qualquer garantia de integridade física aos seus cidadãos. O que vigorava eram a paranoia e o denunciamento. Vizinhos, conhecidos e até amigos desconfiavam uns dos outros. Não raro, uma delação sem fundamento podia significar um caminho até a tortura e a morte.

Sobre Faraco, Luiz Antonio de Assis Brasil afirmou em seu *Dicionário Prático da Literatura Brasileira* que "suas frases são escritas, depois refeitas, depois submetidas a uma autocritica feroz, transfigurando-se em objeto artístico do mais alto nível". Não é lenda!

Nesta breve entrevista, respondida de próprio punho, no dia 8 de outubro, ele firma e confirma as palavras de Assis Brasil.

Extra Classe – A Praça da Alfândega, além de palco da Feira do Livro, também é local rico em personagens para a literatura, como no caso de *A Dama do Bar Nevada*, um de seus contos mais conhecidos e reconhecidos. Como é voltar a este cenário normalmente habitado pelos desvalidos, não como observador, mas como celebridade em um evento que empresta raro glamour ao lugar?

Sérgio Faraco – Minha condição de patrono da Feira não afeta aqui-

o que eu sinto é a vergonha de pertencer a um país que consente que seus cidadãos vivam em condições tão vis. A Feira, até por questão de espaço, afasta os miseráveis da praça, ou seja, em última instância, mesmo sem querer, ela os empurra para outros lugares, onde eles continuam sendo os miseráveis e rejeitados de sempre.

EC – Como foi teu início na literatura? O que te motivou a escrever os primeiros textos e o que te motiva hoje?

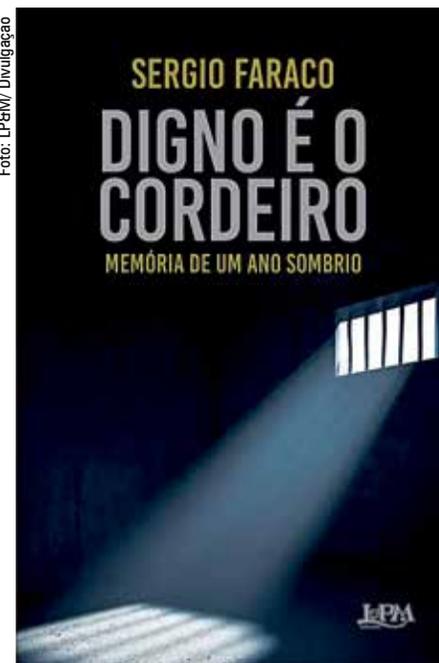
Faraco – Minha primeira percepção não foi a de que podia produzir literatura, mas tão-só a de que sabia descrever o que sentia, isso nas cartas que escrevi no período em que, no quartel, estive preso. Em Alegrete, nos onze meses em que fui obrigado a ser soldado, seis passei na cadeia e só me comunicava por escrito com a namorada e meus pais. Três anos depois, quando em meu trabalho fui transferido para Blumenau, fiz amizade com alguns rapazes que se iniciavam nas artes, um deles o futuro escritor Roberto Gomes, meu amigo até hoje e residente em Curitiba, e então me compenetrei de que aquilo que faziam era o que eu gostaria e talvez fosse capaz de fazer. De Blumenau, no início de 1964, fui para a URSS cursar o Instituto Internacional de Ciências Sociais. Com o golpe militar de 1º de abril em nosso país, o moral dos brasileiros que lá estavam decaiu de tal modo que uns quantos foram hospitalizados, sobretudo os que tinham deixado as famílias sob os cuidados de sindicatos ou do PCB. Para animar o grupo, criei no alojamento um jornal mural. Escrevia pequenas notas com notícias ou histórias inventadas sobre eles mesmos e aquilo foi um exercício formidável que me ensinou a reproduzir na escrita os sentimentos que, por sua vez, me levavam a escrever. No final dos anos 60 comecei a publicar contos no *Caderno de Sábado do Correio do Povo* e, eventualmente, artigos na quarta página do jornal. Assim foi o início dessa trajetória, que já vai para 60 anos. Minha motivação, como escritor, como ficcionista, sempre foi bem simples, mas

ambiciosa: uma ideia de restaurar ou de salvar o que quer que seja, sobretudo vidas decompostas que demandam recomposição. As artes só têm sentido quando buscam um mundo melhor.

EC – Como se deu a ida para a União Soviética e por que foi preso lá? Em que isso afetou tuas convicções políticas? Ainda és um socialista?

Faraco – Já narrei essa experiência no livro *Lágrimas na Chuva*, publicado em 2002. Esses fatos ocorreram há quase sessenta anos, mas, curiosamente, sempre me perguntam sobre eles. Eu recém entrara para o PCB, em Blumenau, tinha comparecido somente à reunião em que fora apresentado, mas mesmo assim fui convidado para preencher a vaga de Santa Catarina num curso na URSS, exclusivo para os membros do Partido. Em Moscou, sem demora comecei a me decepcionar com algumas coisas e a comentar esta decepção sem escolher interlocutor. Um dia fui chamado pelo diretor do Instituto. Ele exigiu que consultasse um psiquiatra, alegando que recebera denúncias sobre meu comportamento e que, provavelmente, o golpe no Brasil afetara minha saúde mental. Ora, não me sentia mal como os outros, até fazia aquele jornal para diverti-los, mas o psiquiatra recomendou que, para descansar e me afastar de todas as tensões, fosse para uma *dá-tcha* (casa de campo) por um mês. Uma garota iria junto para fazer a comida e cuidar da minha roupa e eu poderia levar livros e a máquina de escrever. Aceitei, estava escrevendo um livro sobre um reino contemporâneo de assírios e babilônios cujas ruínas eu conhecera no Cáucaso e que, muitos anos depois, seria publicado pela Editora da Ufrgs. Bem, fui enganado. Me levaram para o Kremlovski Bolnitso (Hospital do Kremlin), nos arredores de Moscou, me colocaram num quarto fechado, onde permaneci exatos 100 dias, ingerindo 9 comprimidos pela manhã e outros tantos à noite. Lembro-me dos nomes de dois, Artan e Stelazin. Para ser reeducado. No segundo mês

Foto: L&PM/Divulgação



já não conseguia sair da cama. É uma longa história. Por causa dela e de outras ocorrências perdi o interesse pelo Partido. Ainda creio no socialismo, mas não no que conheci de perto durante mais de um ano. Acredito sem esperanças, entendendo que só seria bem-sucedido se, antes, mudassem os homens que o capitalismo degenerou. E os homens nunca vão mudar.

EC – És considerado um escritor meticuloso, incansável em construir textos com o mesmo esmero e capacidade de construir frases que um ourives ou um relojoeiro suíço. Isso é lenda ou pra ti escrever é fácil e fluído?

Faraco – Não é lenda, escrever não é fácil nem fluído no meu caso. Escrevendo, aquilo que é fácil eu rejeito, jamais avanço pela linha de menor resistência e sempre estou em busca daquilo que me satisfaz, isto é, uma arquitetura frasal que corresponda exatamente ao que estou pensando. Sempre lembro que Hemingway reescreveu umas quantas vezes o final de *Adeus às Armas*, como eu poderia me contentar com menos? O espontâneo não convence o leitor, que só abre sua sensibilidade ao que é natural, e este deve ser buscado. É o que costumava dizer, com grande acerto, Mario Quintana. Não se pode pensar que um bloco de mármore, por exemplo, seja uma obra de arte. É o material para a obra. A arte parece pelo cinzel do escultor. Isto tem tudo a ver com o trabalho do escritor para produzir literatura.

Leia reportagem completa em:
www.extraclasse.org.br

Mujica: “O único milagre é estar vivo”

por José Weis

José Alberto Mujica Cordano, *Pepe Mujica*, agricultor e militante de esquerda, enfrentou a ditadura militar no Uruguai (1973-1985), participou da luta armada, foi ministro da Agricultura no governo Tabaré Vasquez, e, mais recentemente, ajudou a costurar a maior coalizão de esquerda do país, a Frente Ampla, pela qual foi eleito presidente e governou o país de 2010 a 2015. Depois, foi eleito senador, com mandato de 2015 a 2018.

Descendente de imigrantes bascos e italianos de Gênova, filho de agricultores, Mujica começou a militar no Partido Nacional, criou o União Nacional junto ao Partido Socialista e ingressou no Movimento de Libertação Nacional Tupamaros, pelo qual participou da tomada de Pando, em 1969. Por sua militância, sofreu perseguições e foi parar quatro vezes na prisão: ao todo, passou quase 15 anos encarcerado. “Fui preso porque corria muito devagar”, brinca.

Atualmente, está com 89 anos. Nascido em maio de 1935, em Montevidéu, Pepe enfrenta proble-

mas de saúde e vive recluso na sua chácara, em Rincón del Cerro, na zona rural da capital uruguaia. Sua vida no retiro mantém as marcas da simplicidade, dignidade, sabedoria e humor de sempre, mas ele está inconformado com as privações que seu atual quadro de saúde lhe impõe, registra a recém-lançada biografia, *Palavras para Depois – Conversas com Pepe Mujica*, de Fabián Restivo (Editora Coragem, 2024, 278 p.).

A obra, assinada pelo jornalista do *Página 12*, saiu em português antes de ser lançada na Argentina. “Não esperávamos que a edição brasileira fosse publicada antes da edição argentina, que imaginei seria lançada em maio na Feira Internacional de Buenos Aires, inclusive com a presença do Pepe”, confessa o editor da Coragem, Thomás Vieira. “Cada capítulo representa uma lição de vida, de coerência política e uma amadurecida lucidez”, conceitua Vieira.

Restivo veio à capital gaúcha para autografar a biografia de Mujica na 70ª Feira do Livro, de 1º a 20 de novembro. O livro pode ser



Foto: Gonzalo “oso” Parodi/ Editora Coragem/ Divulgação

O jornalista Fabián Restivo, autor de *Palavras para Depois*: uma longa charla com Pepe Mujica

definido, ainda, como um vigoroso testemunho para a posteridade sobre a vida de uma das maiores

e mais intrigantes personalidades políticas da América Latina dos últimos tempos.

Silêncios e muito a dizer



Foto: Gonzalo “oso” Parodi/ Editora Coragem/ Divulgação

Como o próprio subtítulo deixa antever, *Palavras para Depois* transcende os limites da entrevista jornalística e adentra o intrincado território de uma charla entre companheiros de lutas, ideais, vitórias e amargas derrotas.

Restivo conta como surgiu a ideia do livro, ainda inédito no seu país: “Foram conversas com Pepe que duraram dez dias seguidos.

Pepe: “Tenho este ofício de camponês, preciso de tempo para minhas próprias coisas que não me dão nada”

Eu ia até sua chácara, às vezes pela tarde, às vezes noite adentro”.

As conversas sobre temas como a vida, a militância, a política, o amor, a juventude e a relação com a natureza eram entrecortadas por longos silêncios, mas seguiam enquanto o autor acompanhava o “Velho” – como ele se refere de forma carinhosa a Pepe – em suas tarefas cotidianas.

“A briga dele é com a doença, está muito furioso porque não pode mais comer churrasco”, revela o autor. Pepe resiste: “Eu me aposentei, sim, mas não. E como tenho este ofício de camponês, preciso de tempo para minhas próprias coisas que não me dão nada”, resume Mujica.

Distanciamento

A ideia de biografar um dos últimos revolucionários vivos da América Latina foi sugestão de Daniel Praceres, companheiro de Mujica na Frente Ampla e amigo comum de Pepe e Restivo. Na ocasião, o próprio Mujica advertiu: "Está bem, mas eu não quero mais contar minha história. Há muito por dizer, vamos deixar isso para depois", com o que Fabián Restivo acabou concordando.

A cada visita, detalha o autor, acontecia uma sessão de trocas, de experiências e vivências, ensinamentos e questionamentos. "Quando chegava na chácara, encontrava Pepe às voltas com suas atividades no sítio onde mora com sua eterna companheira Lucía. Às vezes, o papo era regado a um mate rioplatense ou com um trago de rum da Jamaica."

Os dois aproveitam os encontros para falar de temas tão díspares, mas, afinal, tão presen-

tes, como amor, morte, literatura, democracia, canteiros e estufas, criação de galinhas e a preparação para o cultivo de nozes pecã, a situação da política, economia e ecologia, desde Rincón del Cerro ao grande mundo.

Restivo soube dosar, ao longo da sua escrita, a distância entre o respeito para não invadir a privacidade de seu entrevistado e não perder a chance de fazer um grande registro do que o *Velho Pepe* tem a dizer e deixar palavras para depois. Fabián obteve êxito.

O livro é bom de ler. Quase dá para escutar a incrível quantidade de palavras que Pepe dispara a todo instante e sua leveza e empatia com a atividade de criação e plantação no seu sítio. "Legado? De jeito nenhum. Sou um velho que viveu e conta o que viveu a partir da sua experiência, tratando de torná-la útil para alguém. E nada mais!", esbraveja a certa altura da entrevista.



Foto: Gonzalo "oso" Parado/ Editora Coragem/ Divulgação

"Sou um velho que viveu e conta o que viveu a partir da sua experiência, tratando de torná-la útil para alguém"

Tempos solitários

Para começo de conversa, Mujica desenvolve um pequeno ensaio filosófico para responder à pergunta inicial do autor: "Você tem esperança na humanidade?", indaga Restivo.

"Tenho esperança biológica, porque os tempos são solidários. Intellectualmente, tenho dúvidas, mas no final, o que manda são as tripas. Seria bom incorporar esse conceito. É ideológico porque você não consegue dizer não à vida e tem a fantasia de ter que pensar nela. Por quê? Porque o único milagre que existe acima da terra para cada

um de nós é o milagre de estar vivo. Viemos do nada... e vamos para o nada! E há uma pequena licença dentro desse nada chamado vida".

Aliás, um detalhe delicioso do livro é o senso de ironia profunda em Pepe, sua fala eivada de palavras ou expressões chulas quando se refere aos "pelotudos". Atento, estudioso, leitor concentrado e ativo em tudo o que ainda consegue fazer, Pepe Mujica enfrenta com serenidade e coragem as condições que sua doença lhe impõe aos 89 anos de vida. De acordo com a médica Rael Panone, Mujica estaria curado

de um câncer de esôfago, mas enfrenta uma fibrose e uma patologia renal após a radioterapia.

Ciente da sua condição, Pepe deixa um testemunho neste livro, um testamento que pode ser uma viável agenda para que se saia do beco sem saída do neoliberalismo, que, mais do que nunca, ameaça as democracias, alimentando o apelo ao ódio. Com raro humor, ele desencoraja eventuais perguntas sobre voltar à militância política: "Sou candidato ao caixão, em primeiro lugar. Depois, a um punhado de cinzas, como deve ser".

Mujica conta sobre sua passagem pela presidência, os encontros com grandes líderes mundiais e suas posições e atitudes perante esses senhores, sem nunca deixar de expor sua visão e opinião.

"Este é um livro não apenas para ser lido, mas meditado e refletido nesse mundo que está aí", recomenda Olívio Dutra, ex-governador do Rio Grande do Sul, que assina o texto da contracapa. "Pepe Mujica, de maneira sábia, nos provoca a não naturalizar as coisas, e nem a achar que as mudaremos de uma hora para outra", aponta.

Pode comparar! Até os nossos preços são melhores.

Planos de saúde e odontológico disponíveis para sócios e dependentes. Faça uma simulação de valores e saiba mais em:
sinprors.org.br/saude | 051 4009.2930 | convenios@sinprors.org.br

Unimed | CCG Saúde | Notre-Dame Intermédica | UNIODONTO | sinprosaúde | SINPRO/RS Sindicato Cidadão



FRAGA

Godôs

Na dramaturgia, Godot é singular: alguém esperado em vão. Já na imaginação da gente, ele tá sempre presente e pode ser vários

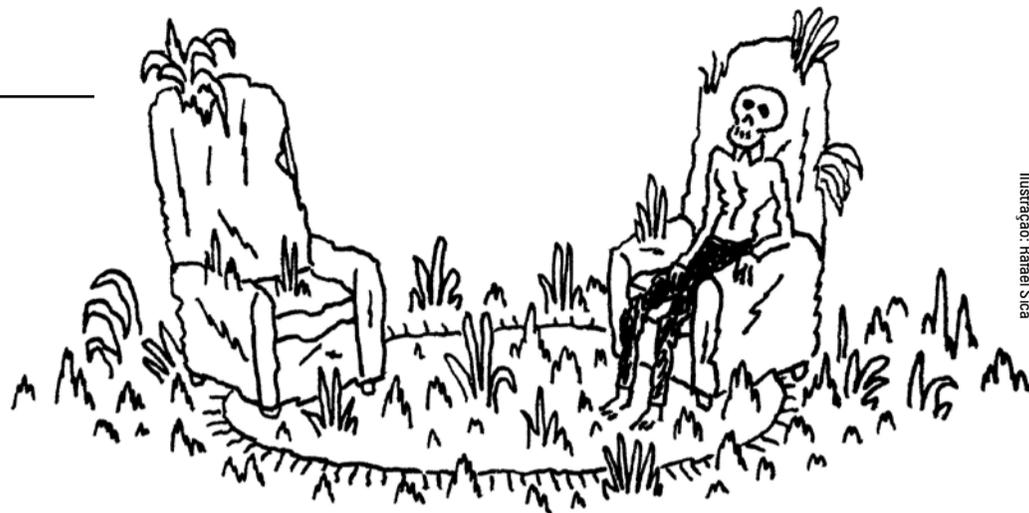


Ilustração: Rafael Sica

1 – Dizem que Suzanne Deschevaux-Dusmenoil, a esposa de Samuel Beckett, fez inúmeros abortos. Quando foi questionada pela família e por amigos por interromper tantas gestações seguidas, ela nervosamente esclareceu: “Fiquei grávida de vários bebês, mas como nenhum deles seria Godot que tanto queríamos, todas as vezes desisti de esperar”.

2 – Houve um período, entre os anos 1930 e 1940, em que grandes designers de móveis famosos da Europa receberam encomendas de cadeiras, poltronas e até bancos de madeira. Todas em nome de um certo Godot. E todas pagas à vista, por antecipação. Mas os anos passaram e ele jamais apareceu para retirar nenhum móvel.

3 – Num manicômio, havia doidos de todas as idades e tipos de doídice. Napoleões, Césares, Joana D’Arc, Elvis Presley, Hitler, Cleópatras, Deus, Hércules. Todos irremediáveis lá na sua insanidade. Havia também um Godot, mas esse não demorou pra ser diagnosticado como um falso maluco: ele chegava pontualmente a todas as sessões onde era esperado.

4 – A peça mais famosa de Samuel Beckett teve uma temporada de estrondoso sucesso. Teatro cheio, bilheteria esgotada meses a fio. Até

ai nada demais. O interessante é que noite após noite, no final das longas filas para a compra dos ingressos, estava sempre o mesmo sujeito, quieto e inexpressivo. Após o penúltimo espectador ser atendido, ele chegava ao guichê com o dinheiro na mão, mas a bilheteira avisava: “Não tem mais lugar lá dentro, senhor”. E Godot ia embora.

5 – A mulher de Godot vivia preocupada com o sedentarismo dele: anos e anos de casados e ele não saía. Não ia a um boteco, um cinema, jogo de futebol – nada o tirava de casa. Foram anos e anos de resmungos sobre ele atrapalhando a vida doméstica, sobretudo em dias de faxina. Homem sem vícios, um dia surpreendeu a mulher ao avisar que ia comprar cigarros. Ele saiu e ela até hoje espera por ele.

6 – Aquela mãe irlandesa estava com uma barriga enorme. O volume crescia enquanto os meses passavam. Seu desejado filho Godot, decerto, ia nascer forte, grande, sadio. À ocasião do parto se aproximava e barriga imensa. Depois de dez meses barriguda, sem contrações nem dores, nem placenta com sinais de rebentar, alguém sugeriu: “Troca o nome desse bebê, ou ele não virá nunca”. Ansiosa, ela trocou e naquela mesma noite nasceu Samuel Beckett.

RATO FALHO / RAFAEL CORRÊA



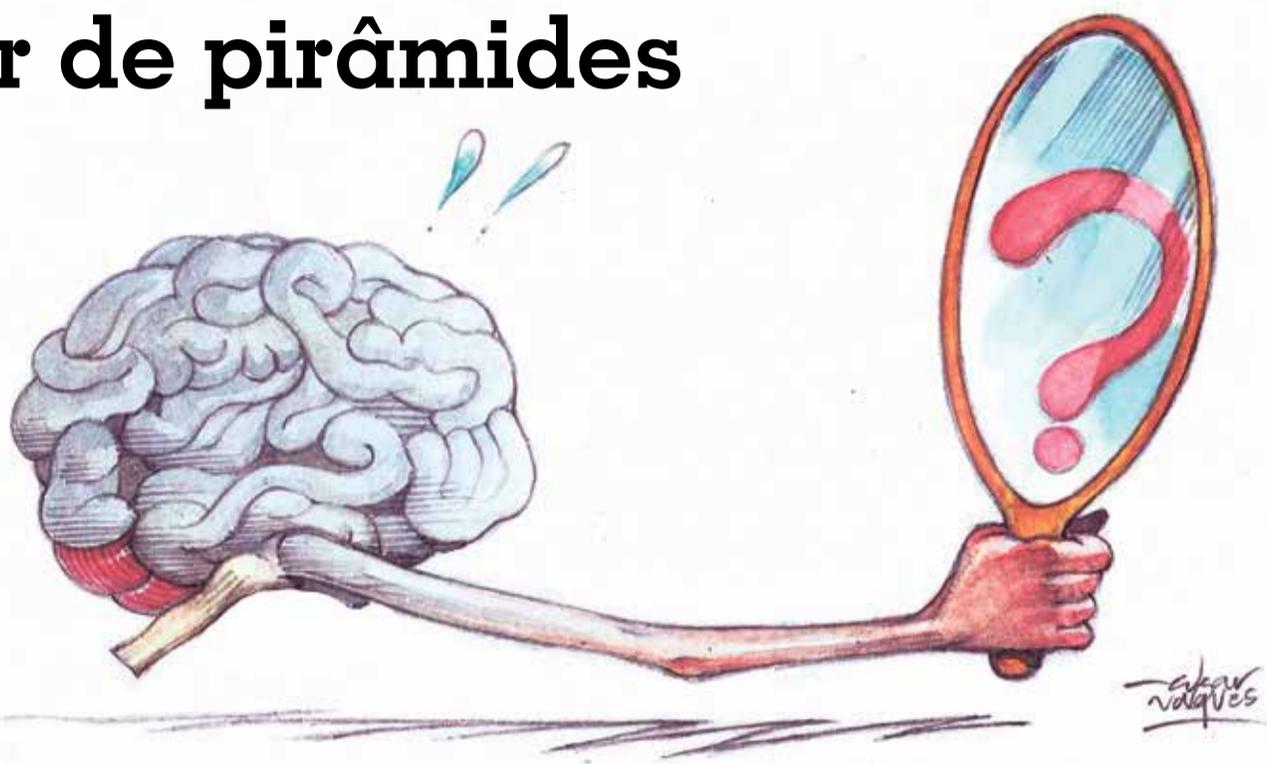
RANGO / EDGAR VASQUES





O apagador de pirâmides

O último paradoxo é que o cérebro humano é uma coisa tão complexa que nem o cérebro humano consegue entendê-lo



Descobriram que o cérebro do Einstein tinha uma anomalia. Uma deformação justamente na área que a gente usa para pensar no Universo e fazer cálculos abstratos, e que nele era maior do que o comum. De modo que você não precisa mais se sentir humilhado com os feitos mentais do homem que não apenas deduziu as leis da matéria como “sacou”, no sentido de tirar do nada, teorias que só agora estão sendo comprovadas. Da próxima vez que mencionarem o gênio de Einstein na sua presença, você pode dizer: “Também, com aquele cérebro, até eu.”

Mas o tamanho do cérebro não determina, necessariamente, o tamanho da inteligência. O homem de Neandertal, que até pouco tempo era considerado nosso antepassado (hoje se especula que é o antepassado só de jogadores de rúgbi, aqueles cujo capacete protetor é o próprio crânio, e do Jair Bolsonaro), tinha um cérebro maior do que o nosso, além de uma estrutura óssea e muscular mais desenvolvida, mas não conseguia nem falar e deu em nada como espécie. Há uma tese segundo a qual, como o seu tempo de gestação era mais longo, o homem de Neandertal já nascia pronto e não precisava daquele período em que a gente depende totalmente da mãe, com o pai fazendo papel de palhaço do lado e a vovó atrás dando palpite, que é quando se forma a cultura humana. E com todo o seu tamanho, o cérebro do homem de Neandertal não tinha nenhum dispositivo para a fala. Sem uma linguagem, ele foi um fracasso. A espécie durou 80 mil anos e desapareceu sem deixar um vaso, um palito, um chaveirinho. Só os seus grandes ossos.

Outra tese é que em todo embrião humano, até um certo estágio, o cérebro cresce como o de um embrião de Neandertal. Se não fosse a interferência de um novo código genético que cancela o primeiro, nasceríamos com o mesmo tipo de cérebro e ainda estaríamos nos comunicando às tacapeadas. As novas instruções são para o cérebro sofrer uma espécie de depuração, em que ele é, para todos os efeitos, editado. Fica um cérebro menor, mais compacto, mais ágil e, o que é o principal, com espera para a fala. Há nisso uma lição da biologia para os autores muito prolixos: cortem, cortem. O cérebro humano é o exemplo mais bem acabado que existe das virtudes de uma boa revisão. E a predisposição para a síntese está nas nossas células.

Uma área fascinante da neurologia que não recebe a atenção merecida, ou recebe e eu é que não sei, é a da somatização. Da doença imaginária que o corpo, por assim dizer, encampa e desenvolve. Muito da história do mundo – certamente da história da religião –

pode ser explicado pelo fenômeno da somatização, que não deixa de ser uma forma de milagre. Numa gravidez histórica a menstruação é interrompida, a barriga cresce durante nove meses e sua única diferença de uma gravidez real é que o bebê não está no ventre, mas no cérebro da mulher. Se o cérebro tem esse poder, então quem tem poder sobre o cérebro pode tudo, inclusive curar a doença imaginada e somatizada. Aí a diferença entre o charlatão e o facultativo – ou o santo – fica difusa. Tão difusa quanto a diferença entre o mal que existe mesmo e o mal que está só no cérebro do “doente”. Ou o mal que paralisa ou faz ferida é menos mal por ser imaginado? A questão é definir o significado de “existe mesmo”. Uma alucinação é tão real quanto o que “existe mesmo”, para o alucinado.

Num espetáculo de hipnose, a admiração das pessoas é geralmente dirigida para o lado errado. Não há nada de incomum no hipnotizador, que pode ser qualquer um. Você hipnotiza quem quiser, desde que o outro esteja convencido de que você pode. Pegue alguém na rua, introduza-o num grupo como Salam, o Mago Hipnotizador, com ou sem turbante, e imediatamente metade do grupo estará pronta para dormir, virar tábua, imitar uma galinha ou fazer qualquer outra coisa que ele mandar. O extraordinário na hipnose é essa vulnerabilidade da mente humana, esta avidez inconsciente pelo autoabandono e pelo controle por outra. Nem o ceticismo e a racionalização garantem sua defesa: você pode saber que o Salam é falso e não tem poder mágico algum, mas o seu cérebro – ou aquela parte do seu cérebro que você não conhece, e que nem lhe pertence – pode ter outra ideia, e se entregar. O seu cérebro pode estar apenas esperando uma voz de comando. Qualquer voz de comando.

O terrível não é que a gente nunca sabe o que os outros têm na cabeça. O terrível é que não sabemos o que nós temos na cabeça. Apenas portamos as mensagens, que não abrimos, que estão sob a nossa guarda, mas não são para o nosso conhecimento. Nossa sina na Terra é a mesma dos carteiros honestos.

O último paradoxo é que o cérebro humano é uma coisa tão complexa que nem o cérebro humano consegue entendê-lo.

E chegamos a Jorge Luis. Ninguém como o Borges descreveu como todo o mundo está no nosso cérebro, ou como o nosso cérebro é todo o mundo. Tem um poema em que ele diz que, com a sua morte, apagará as pirâmides, nem uma estrela restará na noite e nem a noite sobrar, e que com ele morrerá o peso do Universo. E que o seu legado será o Nada, para ninguém.

Este anúncio se divide entre o que você já tem



Direitos

Mais de 10 Convenções e Acordos Coletivos negociados todos os anos.



Assessoria Jurídica

Atendimento nas áreas trabalhista, cível, criminal e previdenciária.



Sinpro/RS Saúde

Convênios médico e odontológico com opções mais acessíveis e seguras.



Cartão do Associado

Rede de descontos em produtos e serviços para sócios e dependentes.



Espaço do Professor

Ambiente no site e no App para consulta do andamento de ações trabalhistas, cadastro e muito mais.



Apoio Contra a Violência

Equipe multidisciplinar para amparar professores vítimas de constrangimento e violência.



Previdência Privada

Opção para planejamento do seu futuro com uma renda mensal complementar.



Saúde e Qualidade de Vida

Orientações de saúde, bem-estar e atividade física para o dia a dia dos professores.



Hotel Casa do Professor

24 apartamentos destinados à hospedagem de sócios e familiares em Porto Alegre.

e o que precisa muito saber.

Professor(a), você é a única fonte de receita do Sindicato.

A sua contribuição é vital para a manutenção dos serviços e da estrutura dedicada à negociação por melhores condições salariais e de trabalho. É um investimento que retorna para você mesmo(a) e para toda a categoria, com benefícios dentro e fora da sala de aula.

Pense nisso e faça sua parte!

SINPRO/RS
Sindicato Cidadão